

A GREI PORTUGUESA

Notas para um programa de Etnografia Portuguesa

I

Descrever um povo não é só estudar-lhe a história, enumerando os factos da história da humanidade em que colaborou ou para que elle contribuiu. Há, em verdade, na crónica de um povo acontecimentos que se explicam pelo carácter de êsse povo: — se é pacificamente votado à agricultura e às riquezas industrializadas do seu terreno; — se procura no mar, por comércio, por expansão simultaneamente política e mercantil, a aplicação da sua actividade; — se vive no planalto, na serrania, com pátria inóspita, entre penedias e vales profundos, entre os cumes e o céu, a tentar a fortuna e assegurar a existência na guerra aos que tem boas terras e colheitas avonde.

A essência de um povo não tem na história senão as demonstrações conseqüentes de um *substratum* dirigentemente actuador. É necessário ir buscar ao fundo do que por simplificação se chamou a Raça, as qualidades próprias. A psicologia de êsse agregado estuda-se no conjunto orgânico das manifestações colectivas, apreciadas como unidade sintética. Recorre a sciência ao método etnográfico, para de elle tirar conclusões de ordem social; e ao informe antropológico, para definição de origens, mais ou menos prováveis.

Consistindo a Etnografia no estudo descritivo de um povo na sua expressão tradicional, que é o seu característico étnico, há-de forçosamente recorrer-se ao ambiente próprio, onde êsse tradicionalismo existe mais radicado, se quiser proceder-se a tal estudo.

Não é nas cidades que esse ambiente de tradição se encontra. Quem procura em um povo os restos de sobrevivências dos velhos usos e costumes, crenças e tendências, de outro tempo, que são a sua típica individualização, mais ou menos distinta e original, não os vai buscar às

idades ⁽¹⁾. Uma cidade por mais bairrista que seja no seu regionalismo, está eivada sempre de grandes doses de cosmopolitismo, que é a sua «honra de cidade», e será tamanho quanto o grau político e industrial ou comercial o fôr. Fora dos centros de aglomeração mais densa, constantemente à mercê das modas desnacionalizantes e das doutrinas subversivas, ao largo de êles e um tanto mais a coberto de estes seus defeitos, por circunstâncias especiais, é que se devem de ir procurar os elementos de estudo ⁽²⁾.

(1) «... O character portuguez» (aliás o de todos os povos nas cidades) «... prefere as apparencias ás realidades... Se se trata de apparecer em publico, veste-se á ultima moda (refiro-me ás cidades).» Isto observava Maria Rattazzi, no seu *Portugal de Relance*, tradução de *Le Portugal à vol d'oiseau*, ed. de 1882, vol. II, 161.

A condição moral é absolutamente diversa na cidade e no campo. Bocage, em um dos seus mais notáveis sonetos, estabelece o contraste entre o vilão e o nobre, sintetizando no nobre, e ainda no cortesão o verdadeiro protótipo do homem da cidade, com todos os seus defeitos e artifícios. «— Nos campos o villão sem sustos passa... — O que é ser infeliz aquelle (o villão) ignora... — Aquelle canta e ri; não se embaraça — Com essas cousas vãs que o mundo adora:... — Aquelle dorme em paz no chão deitado... — Antes ser camponês, e venturoso.» Bocage, *Sonetos escolhidos*, ed. DELTA 1921, Lisboa, p. 37.

À própria gente do campo não escapa a diferenciação fonética da linguagem da cidade para o campo, e uma quadra da Atalaia (Beira-Alta) o diz:

Ai de mim, que já não posso
Cantar como já cantei:
Eu bebi agua no Tejo,
Até a fala mudei.

C. Monteiro do Amaral, na *Revista Lusitana* 1908, vol. XI, p. 118.

(2) Maria Rattazzi como contraste do espirito da cidade, refere-se nestes termos ao espirito do campo: — «nas provincias ruraes o caso muda um tanto de figura... Quanto ao

A dispersão do campo, o isolamento das aldeias, que são centros agrícolas, de proprietários, autênticos *lavradores*, e de *homens de ganhar*, como se dizia no século XVII, os *ganhões* ou *jornaleiros* de hoje, a vida em plena natureza, o recurso primário de cada um a si próprio, a simplicidade mais ou menos primitiva, o trabalho absorvente de tôdas as energias e mealheiro da economia doméstica, vínculo do homem à terra, o que o mesmo quer dizer que liga o pensamento e o sentimento ao que viu, ouviu, aprendeu de seus pais, estes dos seus, em uma cadeia de mestres que é a teoria social da essência do *lar da família*, — todas estas causas eficientes predispõem o aldeão, o camponês, para conservar os velhos hábitos locais.

Por isso êle é o protótipo das gerações passadas, do nacionalismo, agressivo ao estranho, aferrado ao seu por espirito intrínseco, e de antipatia natural a exotismos. De fora, ainda poderá parecer mudado, onde os trajos o hajam mudado, ou se tenham perdido; mas, interiormente, êle é o mesmo que poderíamos chamar *homo traditionalis* ou *homo Portugalensis*.

Evidentemente são extensivas à montanha as condições etnográficas do campo. Se a *zona campestre* é uma boa mina de exploração para o etnografo, a *zona serrana* excede-a, por ter em maior grau as condições do campo. Sabe-se muito bem nos estudos antropológicos, nas suas estatísticas insinuantes, como a gente da montanha, mais isolada, mais aspera na luta com a natureza, mais ativa e aguerrida em sua arrogância e fôrça, conserva melhor índice de velha raça comum, ou tipo comum ⁽¹⁾. E, se o padrão antropomé-

vestuario nacional e typico, é indispensavel penetrarmos nos confins remotos das aldeias, para o encontrarmos.» *Liv. cit.*, II, 162.

⁽¹⁾ Ainda no seu livro, *Raça e Nacionalidade*, Pôrto, 1919, o Sr. Mendes Correia, referindo-se a êste facto, nota: «o tipo mediterrâneo ou ibero-insular, que se filia de certo na raça Baumes-Chaudes, já representada nas estações neolíticas do país, encontra-se mais puro nas recônditas regiões montanhosas, em que os baluartes naturais o isentaram da transfusão de sangue estranho.» Pgs. 93-94. A p. 95 pergunta o mesmo A. se o tipo de estatura acima da média, moreno,

trico se mantém, o espírito ancestral, transmitido pelos séculos em gerações contínuas, não variou fundamentalmente nas mesmas condições de vida vegetativa e de relação.

Ambos, o camponês e o serrano, sofrem a mesma causa para o estudo etnográfico, apegados à mesma força oculta do passado, sob a mesma condição geral de *homem da natureza* ⁽¹⁾. Reunamos lhes também o homem do mar, que, pelo emprêgo especial da sua energia, pelo perigo de todos os dias, motivo especial da sua superstição aguda e da funda crença religiosa, além da hereditariedade profissional mais certa que algures, por tudo isto, tem carácter singular.

O *homem do ar livre*, salvo peculiares misteres, e não incluindo os pescadores, entrega-se à agricultura. Mesmo porém nessas excepções, os misteres são *complementares*, *subsidiários* ou *derivados* da tarefa agrícola. «Complementares»: o homem prepara a alfáia agrícola, pastoreia os gados, etc.; até o próprio homem do mar traz para terra o moliço, a bajunça, e outras algas, para *adubos*. «Subsidiários»: transporta os produtos aos armazens, aos mercados e às feiras (abegões, almocreves, carreiros, etc.). «Derivados»: para alimentos, moe os cereais em moinhos de vento, de água (azenhas) e de mar (Algarve); faz o vinho, e sucedâneos, o azeite, lacticíneos, o mel;-prepara a tecelagem do linho, estopa e lã, e onde restam os teares caseiros, com que se fazem na província de Trás-os-Montes o burel, xergas ou enxergas e saragoças, no Algarve as mantas e cobertores de lã, saragoças e estamenhas, onde se fabricam em Coimbra e no Minho ricos bragais de noivado, que em Viana-do Castelo ornarn de lindos bordados sobre riscos «tirados de cabeça»; e são os riscadinhos, as serguilhas, os briches, de Barroso e do Minho, as cobertas de Santa-Clara de Coimbra e de Urros, as de lã

dólico, harmónico, que na Beira Alta predomina sobre o moreno baixo e sobre o nórdico mestiçado, não provirá da *raça atlanto-mediterranea*, ou «ibero-insular» modificada, e ainda se o trasmontano obedece a possíveis sobrevivências de um tipo primitivo, como o *Homo Taganus*. Estas observações correspondem a um factor especial, que destingue os montanheseos altivos e bravos das duas províncias mencionadas.

⁽¹⁾ Falando do camponês, chama-lhe Fialho de Almeida «emanação da paisagem». *Pais das Uvas*, 3.^a ed. 1915, p. 37.

ou de farrapos de Viana-do-Castelo, as casteletas e saragoças da Beira, os panos e lenços velhos de rico decorativo pictográfico, de Alcobaça, panos de que já fala Gil Vicente na *Farça dos Almocreves* ⁽¹⁾; são as meias e piugas de Âncora, de Darque, no Minho ⁽²⁾, de Mondim-da-Beira, a local «Mondim das Meias» ⁽³⁾, tudo de vestir e de cobrir; são as mobílias de madeira (Évora, Monchique), de tabúia (Algarve), arcas e baús para as roupas e para a ucharia e frutas; é a cestaria para o transporte e guarda, quer das colheitas, quer das comidas, alforges listrados como os do distrito de Beja, do Carregueiro á Provincia do Algarve, e sacaria de estopa, de uso na condução em animais; ôdres para vinho e azeite; a olaria para vasos de todo o uso e capacidade, em applicações domésticas e do trabalho, com tão activa e grande manipulação do barro: *negro* de Chaves (Vilar-de-Nantes), Vila-Real (Vizalhães, Mondrões) de Molelos (Tondela), Prado (Tijoso e Parada-de-Gatim), etc.; *vermelho liso*, Minho, Extremadura, Alentejo e Algarve, em maior escala e perfeição em Guimarães, Caldas-da-Rainha, Lisboa, Mafra, Extremoz, Viana-do-Alentejo, Loulé, mas um pouco por todo o chão de argila; *barro vidrado* das Caldas, Mafra, Guimarães, etc.

A mulher é, na mór parte das regiões agrícolas, a auxiliar do homem; no entanto há serviços em que evidentemente se emprega a sua actividade exclusiva, como são as indústrias caseiras, desde os preparos da matéria prima até o trabalho do tear; outras regiões há, onde não é somente preferida para certos trabalhos mais simples e leves, como as mondas, vindimas, apanhamento e contagem da azeitona, etc., mas ocupam o primeiro lugar no trabalho agrícola e nos misteres «subsidiários», como condução de gados, carreamento à soga dos bois, etc., em grande parte do Minho, em que, por efeitos de emigração, o homem escasseia, ou afluem a outros misteres mais rendosos e garantidos, junto dos centros industriais, ou mais populosos (estucadores, caiadores, pedreiros,

(1) Gil Vicente, *Obras*, Lix.^a 1852, III, 203-205.

(2) *Lusa*, Viana-do-Castelo 1917, I (n.º 14), p. 30.

(3) Leite de Vasconcellos, *Etnografia Artistica*, II, «Apetrechos de meia», Lisboa 1916 (sep. da *Alma Nova*, vol. II, n.º 19), p. 10 e ss.

padeiros, que correm às cidades e sobre tudo a Lisboa). No Douro a mulher faz tudo que o homem faz; cava, lavra, conduz os carros; guia os barcos no Douro em Avintes ⁽¹⁾. A de Barroso, durante os trabalhos campestres, traz os filhos às costas, como as negras e as ciganas.

II

Um tratado de etnografia, que venha abranger a vida específica do homem tradicional neste conceito, por força o há-de estudar nos seus termos particulares e comparados sob o triplice plano da «terra», do «homem», que dela é a emanação, na frase de Fialho, e da «arte», com suas indústrias e espírito criador.

A *Terra* é o condicionante, e, quer pela sua natureza qualitativa, pelas suas condições corográficas, quer pela sua especialidade agrícola, determina o aspecto externo, cuja primeira acção é a nomenclatura regional. Esta, por seu turno, condiciona as divisões administrativas, logicamente estabelecidas, tanto na política local, como na grande divisão da província.

O nome da província, que é o conjunto de regiões diferenciadas por si, mas ligadas por carácter comum, traz esta vantagem real da concordância da terra com o homem. Esta caracterização arrasta consigo o particularismo nas construções de casas, nos trajes dos habitantes, nos seus usos e costumes, no espírito revelado nos cantares, nas culturas, nas instituições locais. O homem sofre a influência ancestral e actual do seu meio.

A *Gente* observa-se na crença e superstições, que a misturam do paganismo, nascido do homem ante os fenómenos

(1) Rebello da Costa, *Descrição do Porto*, § IX. Acontece o mesmo com a mulher da Ria de Aveiro, na Gafanha por exemplo, onde ela na ausência dos homens, que emigram para o Brasil e vão á pesca do bacalhau nos bancos da Terra Nova, se emprega em todo o serviço mesmo o de arrais. No Distrito de Leiria, Marinha-Grande por exemplo, as mulheres, descalças, com polainas de lã, vão ao pinhais, com carros de bois, buscar lenha para a vila.

da natureza. Todos os seus actos domésticos, tôdas as operações do trabalho, todos os divertimentos, o próprio calendário agrícola do povo, se norteiam pela fé nos Santos e a superstição de amuletos preservativos e esconjuros salvadores. A medicina popular é um mixto de superstição, amiudadamente da mais grosseira, e da fé nos poderes celestes de agentes religiosos. Nas fórmulas hecťairistas de Santa Marta e de S. Gonçalo, por exemplo, a recorrência dos curandeiros e benzedores, «pessoas de virtude», é por vezes o que denota maior primitivismo na alma popular. As mêzinhas caseiras, a classificação das doenças, o seu tratamento, a transmissão ou transferência pessoal de doenças, a homeopatia rude, benzeduras e esconjuros mais ou menos complexos, tudo isto é surpreendente e característico. A vida de família nas suas três fases do «namôro, casamento e vida doméstica», depende fundamente da economia agrícola, e, como a família do aldeão é um lar de trabalhadores da lavoura, a própria aldeia não sendo mais que uma colônia agrícola, o homem vive em casa como vive ao ar livre. A alma conserva a mesma essência do nacionalismo tradicional, evidente nos mesmos folgares e festas, em que se divertem as aldeias, quer nos dias do orago, quer nas horas alegres das ceifas, das vindimas ou das colheitas da azeitona.

A *Arte* compreende as manifestações de rudimentares belas artes, sejam religiosas (cantigas e música de loas e preces, imagens de escultura, pintura ou gravura, «almi-nhas» «milagres»), sejam profanas (cantares de amor, décimas de acontecimentos notáveis e de sensação, bonecos de barro, a *arte dos pastores* em obras de osso, madeira e principalmente cortiça); compreende também as indústrias domésticas e locais que, de utilidade prática ou de uso decorativo (tecidos, vasilhame, cestaria, mobiliários, rendas, bordados, filigranas, flores e recortes de papel ou pano), sempre tem um carácter próprio e típico de beleza, com ornamentações notáveis e abundantes, de complicação grande, estilizadas pela tradição ou pela fantasia, que lhe obedece, num reduzido e esquematizado sistema de modelos; e, como complemento, sendo os mercados, as feiras, as romarias, o entreposto comercial dêstes produtos, deve o etnógrafo, criteriosamente, defini-los na sua origem e causas, no seu aspecto mercantil, na sua continuidade, economia, vida, movimento e mostruário etnográfico.

Assim, em esquema, o estudo incidiria sobre os três capítulos essenciais:

- | | | |
|-----|---------|--|
| I | A TERRA | <ul style="list-style-type: none"> 1 — DIVISÃO POPULAR E TRADICIONAL DO PAÍS: província, região caracterizada. 2 — PAISAGEM TÍPICA, REGIONAL: serra, planície, litoral; aldeias; casas. 3 — CARACTERIZAÇÃO DO HABITANTE (elemento regional): trajos; linguagem; costumes salientes; cantigas regionais (tipo médio, canção, melodia, coros, instrumental, — quadras coreográficas); etc. 4 — TRABALHO DE CULTURA AGRÍCOLA: regimen de cultura; constituição do trabalho; sistema de pesos e medidas, etc. 5 — INSTITUIÇÕES LOCAIS (condicionadas pela terra): comunismo primitivo, de direito público e privado, etc. |
| II | A GENTE | <ul style="list-style-type: none"> 1 — CRENÇAS: práticas católicas, romarias, etc. 2 — SUPERSTIÇÕES: lendas, amuletos, esconjuros, bruxaria, almas e espíritos, etc. 3 — MEDICINA POPULAR: curandeiros, benzedores, receituário, etc. 4 — FAMÍLIA: a) namôro ou «derrête», os «conversados», o amor, cantares alusivos, etc.; b) casamento: actos propiciatórios, costumes, festas, etc.; c) vida doméstica: o lar, usos e costumes, etc. 5 — A ALDEIA: sua constituição social, costumes de sociedade, etc. 6 — FESTAS TRADICIONAIS: religiosas e campestres; dansas, jogos, touradas, etc. |
| III | A ARTE | <ul style="list-style-type: none"> 1 — FOLCLORE: a) <i>poesia, teatro, narrativas</i>: autos, romances e xácaras, «literatura de cordel», quadras, etc.; b) <i>música</i>: carácter, tipologia musical, canto, grupos corais, instrumental, coreografia. 2 — ARTE RELIGIOSA: a) <i>escultura</i>: «ex-votos», imagens de madeira ou de barro; b) <i>gravura</i>: «registos de santos»; estampas; c) <i>pintura</i>: alminhas, «milagres», retábulos. |

- | | | |
|---------------|---|---|
| III
A ARTE | } | 3 — ARTE PROFANA: a) <i>construção</i> : tipos de casa, edificação; b) <i>escultura</i> : bonecária popular; c) <i>entalhe</i> : «arte pastoril»; d) <i>pintura</i> : quadros rudes, decoração, etc.
4 — INDÚSTRIAS TRADICIONAIS: origem, localização, tipo, trabalho, uso, ornamentações; a) <i>indústrias caseiras</i> ; b) <i>indústrias em comum</i> : oficinas.
5 — MERCADOS E FEIRAS: sua organização, uso, fins. |
|---------------|---|---|

Nestes três capítulos, com os seus parágrafos diferenciais, cabe o estudo não só do tradicionalismo do homem no ambiente natural, mas o de toda a etnografia.

Pode dizer-se dos velhos usos do povo o mesmo que D. Francisco Manuel de Melo dizia dos rifões, que do povo são: «os rifões, senhor N., sentenças são verdadeiras, que a experiência, summa mestre das artes, pronunciou pelas bocas do povo» ⁽¹⁾. Transplante-se a idea applicando-a em geral às manifestações de nacionalismo, e desde o individuo, que se apaga na onda comum do mesmo espirito, às instituições naturais, logo se verá que são «sentenças verdadeiras, que a experiencia summa mestre das artes, pronunciou pelas bocas do povo». É tudo natural, espontâneo na sua criação, inspirada na natureza, e inconsciente na reprodução por atavismo, que numa herança de séculos se não apaga. Todos estes factos tem a sua raiz no passado longínquo; foi essa a continuidade do seu equilibrio e a estabilidade do seu carácter. Em todas as catástrofes da história é o nacionalismo que nos tem valido na salvação pelo regresso ao passado, ou seja a volta à terra, à familiaridade da terra, nos seus hábitos e regras, que são leis do tempo e da natureza. Hoje, na tragédia em que o mundo se comove, é esse regresso às verdades nacionais ou das raças, o que se está a impor e realizar mais ou menos rapidamente por toda a parte, como reacção contra o esquecimento, que cada povo teve do respeito de si próprio no sacrificio e no dever dos antepassados.

O homem do campo, da serra, do mar, em contacto da

⁽¹⁾ D. Francisco Manuel de Melo, *Carta de Guia de Casados*, 1916, ed. da «Renascença Portuguesa», p. 57.

natureza, sem comodidades e afeminamentos, é o modelo vivo dêsses antepassados. As virtudes próprias de uma raça, de uma nacionalidade, residem neles, entregues, como sempre, os homens da terra à mesma vida de luta agreste e de descansado repouso, ao mesmo sacrifício pela terra comum, e valentia sem interêsse na defesa como soberba no trabalho afanoso, em que as gerações os pregam.

A própria arte regionalista vai procurar a beleza na vida típica do carácter local. Os melhores e mais sadios períodos da história de um povo são êsses, em que o seu íntimo é ouvido nas vozes do instinto e nas indicações do sentimento. A arte aristocrática das subtilezas é requintada, mas, como todo o requinte, nem sempre corresponde senão aos períodos de riqueza ou de desvario. No cadeirado do meio século XVI, que se conserva no côro da linda sempre-noiva que é a Sé de Évora, a principal ornamentação dos costados, em frisos de admirável relêvo de escultura em madeira, são scenas agrícolas, como a lavra, a vindima, a pisa da uva, o mata-porco, a tosquia dos carneiros, a caça, onde os trajos, os utensílios, os costumes da larga época de D. João II, de D. Manuel e de D. João III se evidenciam em scenas de pitoresco etnográfico.

III

A divisão popular do país acentua o condicionalismo da terra. A nomenclatura da província já é evidente. Ou se funda em raízes étnicas como o *Algarve*, — ou vem da sua situação geográfica, como o *Entre-Douro-e-Minho*, depois dividido pelo nome dos rios em *Douro* e *Minho*, e como a antiga comarca *d'Antre-Tejo-e-Odiana*, hoje *Além-Tejo* ou *Alentejo*, e como *Trás-os-Montes*, antigo *Trá-los-Montes*, «Detrás das Serras», em relação ao Minho, por vezes chamado «Aquém dos Montes»; — ou tem origem em factos históricos, com carácter etnográfico definidos e mantidos, como a *Beira*, à beira do condado portucalense, e a *Extremadura*, no extremo das conquistas sôbre os Mouros (1).

(1) J. Leite de Vasconcelos: *Pela Beira*, sep. de *O Archeólogo Português*, vol. XXII, 1917, p. 5; em um doc. do séc. XV a província chamava-se simplesmente *Terra da Beira*. *Por Trás os-Montes*, sep. id. XXII, 1917, p. 42; *De Terra em*

Cada província tem o seu carácter primacial, que a terra lhe imprime. É porém o somatório de regiões menores, cujo onomástico é derivado da sua configuração, da sua cultura, ou das condições do meio.

Assim: no *Minho*, as *Terras de Bouro*, que formam o concelho do mesmo nome; a *Terra Negra*, de pinhais altos e densos, entre Bougado e Famalicão, compreendendo Trofa-Velha, Carriça, Ribeirão, Bougado, Peça-Má, Lagoneinha, S. Martinho; *Terra de Santa Maria*, entre as margens do Vizela e a Serra da Falperra, incluindo Guimarães; *Terras de Basto*, largo trato de Mondim a Refojos, a um e outro lado do Tâmega; e *Terras de Bouro*, de Riba-Cávado, etc.

Em *Trás-os-Montes*: as *Terras de Barroso*, a Este do Gerez, no planalto que vai à *Veiga de Boticas*, confinante das *Terras de Bastos*, e divididas em parte serrana. ou *Alturas de Barroso*, e parte baixa ou *Covas de Barroso* ⁽¹⁾; a *Veiga de Chaves*, que entra pela Galiza, apertada entre a Serra da Brunneda e as alturas que sobem a Barroso; as *Terras de Miranda*, desde o Norte de Vimioso até Alcaniços ao Sul, e onde o português é a língua *grave* e o mirandês a língua *charra*, conforme se lá diz; a *Terra Quente* ao Sul, para o Douro, em contraste com a *Terra Fria*, ao Norte da província; as *Terras de Vinhais* e *Terras de Bragança*; as *Cimas do Mogadouro*, ao centro do Distrito de Bragança.

No *Douro*: o *Baixo-Douro* até o Corgo, *Alto-Douro*, desde o Corgo; *Terra de Gatão*; a vasta e doirada *Baião*, a *Maia*, das «maiatas», meio Douro, meio Minho.

Nas *Beiras*: as *Terras do Dão*, as *Terras de Riba Côa*, com o Douro ao Norte, a Sul e Poente o Côa e a Nascente Leão e Extremadura Espanhola, *Terra de Lafões* no vale do Vouga, *Bairrada* caminhando para o Mar, a *Ria de Aveiro*, *Palheiros* (de Mira, de Tocha, de Quiaios, etc.); a *Borda da Água* ao longo da Costa e na monteira a misteriosa *Beira*

Terra, Lisboa 1927, I, 97 e 156-158. J. Mendes Saraiva, *O Concelho histórico da palavra Beira*, Lisboa 1928.

(1) Pinho Leal, *Portugal antigo e moderno*, IX, 552, Fr. Luís de Sousa, *Vida do Arcebispo*, liv. III, cap. 5 e 6; Leite de Vasconcelos, *Por Trás-os-Montes*, já cit., 27, com a *Veiga de Boticas*, e *De Terra em Terra*, I, 96. Camilo Castelo Branco, *Os Brilhantes do Brasileiro*, 4.^a ed., p. 191.

Baira: a *Charneca*, de Oleiros a S. Vicente-da-Beira; a *Cova da Beira*, no Vale do Zézere; a região confinante com esta, formada por parte do concelho do Fundão e parte do da Covilhã, que se chama *Rio* ou *Rio abaixo*, em relação ao mesmo rio Zézere; *Trás* ou *Detrás da Serra*, além da Cumiada da Estrêla; *Terra Fria*, nos concelhos de Sabugal, Manteigas e Guarda; *Campo*, ao Sul da última, abrangendo parte dos concelhos do Fundão, Castelo Branco, Idanha-a-Nova e Penamacor, que é a parte baixa e plana da Beira; *Campanhas da Idanha*, na planície desta vila; *Raia* e *Arraia*, nos extremos orientais dos concelhos fronteiriços ⁽¹⁾.

Na *Extremadura*: o vasto e vago *Pinhal de Leiria*; os *Campos de Santarém*; as *Lezírias* do Tejo; o *Ribatejo*, e a *Borda d'Água* à beira do rio, de um e outro lado; além do rio a *Outra Banda*, em relação da Lisboa e seus arredores çaloios, as *Cimas de Ourem* até Muge e à charneca de Ponte de Sôr; a *Comporta*, do Sado, em terras de Setúbal, e a charneca do Alentejo extremenho, enquadrado entre a costa e o Sado.

No *Alentejo*: a *Serra* e a *Charneca*, por todo o Norte e Centro até a Serra de Ossa, *Charneca* para o Sul; ao Norte, *Terras de «Areias»* (Portalegre), zona granítica, a abranger Nisa, Crato, Flor de Rasa, Gafete, e *Terras de «Barros»* (Portalegre), zona calcárea, de Avis e Alter; *Charneca* de Ponte de Sôr; a *Charneca*, a Oeste de Pavia e Ponte de Sôr; os *Campos de Avis*, do *Ameixial*, de Évora, etc., entre os montes do Alto-Alentejo; os *Campos de Ourique*, de Beja, etc., no Baixo-Alentejo, etc.

No *Algarve*: «Barlavento» e «Sotavento», em relação ao lugar onde se fala, mais precisamente em relação à parte central de Lagos e Olhão ou Faro e Portimão; parte dos *Serranos*, ao Norte, zona das serras, a *Charneca*, o meio da província no sentido longitudinal, e terra dos *Algarvios*, pela costa.

São apenas amostras, que provam como se pode constituir o mapa de Portugal com a divisão etnográfica das regiões, e como a essa divisão corresponde uma nomenclatura caracteristicamente agrícola, em *Terras*, *Campos*, *Campanhas*, *Charnecas*, *Serras*, etc.

(1) Leite de Vasconcelos, *Pela Beira*, já cit., 5 a 7; *De Terra em Terra*, 156-158.

IV

Na paisagem regional entra não só o elemento orográfico, hidrográfico, mas o aspecto da cultura, as culturas dominantes, a construção local e a aparência das aldeias, o traje ⁽¹⁾, os costumes salientes, as canções locais, que estabeleçam a comparação geral.

Vem à cabeça da enunciação as províncias do Norte «o mais classico povo de Portugal», na frase de Camilo em *A Bruxa do Monte Cordova*, e o «classico povo» das *Noites de Insomnia* ⁽²⁾.

São os campos miudinhos, cercados de muros pequenos, do Minho, com lameiros fofos pequeninos, *côchos* ⁽³⁾, muita água, muita verdura, serras ao longe, terra de muitos «onde os mais pobres possuem pelo menos um naco de broa e uma malga de vinho» ⁽⁴⁾; são as vinhas de enforcado, o vinho verde, as serras aos degraus; é nas tornas e leiras o linho de flor azul pelo Santo António, e de meadas brancas de neve, a còrrar ao sol; é o centeio em campos verdes; é o trigo a loi-rar; são os milharais húmidos e túrgidos; são os montes com pinhais e sobreiros, coroados de capelinhas de Nossa Senhora; as casas brancas, a alvejar muito na verdura e na sombra do arvoredor; montes e casas, casas engrinaldadas de *giestas de Maio*, flor santa, fartura do casal, protectora de crianças, be-zerros e bacorinhos; *espigueiros*, muito vermelhos no meio do

(1) «L'habit n'est pas une simple couverture, c'est un symbole. J'en atteste toute la flore si riche des costumes nationaux et provinciaux, et de ceux qui portaient nos anciennes corporations». — Ch. Wagner, *La Vie Simple*, 18.^a ed., 1917, Colin, p. 215.

(2) Camillo Castello Branco, *A Bruxa do Monte Cordova*, 2.^a ed., p. 12, *Noites de Insomnia*, n.º 2, 1884, p. 35.

(3) *Côchos* são lameirinhos em Monsão e Arcos de Valdevez; Felix Alves Pereira, «Glossario dialectologico do concelho dos Arcos de Valdevez», na *Revista Lusitana*, 1916, vol. XIX, p. 212.

(4) Antero de Figueiredo, *Jornadas em Portugal*, Lisboa 1921, p. 104; «... terras regadias como prados, chãs como a palma da mão», do mesmo em a *Senhora do Amparo*, p. 4.

arvoredo, beijados aos abraços pelas vides, que neles se dependuram; rios mansos, margens frondosas, açudes no Minho, Lima, Cávado e Ave; serras ao Nascente; os trajos vivos, de côres berrantes, sergüilhas rexadas de listras de côres, agitados nas feiras, como a de Barcelos, nas romarias, como a da Senhora da Agonia, em Viana; cantigas alegres, dansas vivas, como o «vira», o «verde gaio» e a «cana verde»; mulheres *oiradas* de filigranas, grandes cordões ao peito e arrecadas nas orelhas, os fatos escuros dos homens de Perre (Viana), as bragas, carapuças, chapéus bragueses, da Serra, as «mantelas» e «manteletas», de lã, na cabeça das mulheres de Monção e de Castro-Laboreiro, as rendas de Âncora e Gatinhães, em aventais (Guimarães e Mealhada) e em casaquinhos ou jaquetas (os «*boleros*» de Caminha) ⁽¹⁾, mas sôbre tudo, ornamental e garrido, o *trajo à lavradeira* (à «moda do Minho»), à «Vianesa»; são os «picamilhos», de Bluteau ⁽²⁾ com as suas cantigas alegres e vivas, melodias simples, coros uníssonos e a duas vozes, às vezes em terceiras (Braga), e dansas animadas; é a terra do cavaquinho, do *gaiteiro*.

São as serras nuas (típica a do Marão, que marca a barreira, para além da qual mandam os que lá estão) ⁽³⁾, com rios bravos, muitos moinhos e azenhas, castanheiros nas devesas, pinhais densos nas vertentes, lameiros nas almargens, de Trás-os-Montes; terra de linhos alvíssimos, de pão de milho, das searas de centeio, das castanhas, da hortalíça abundante, dos bois barrosões, «piscos» (em oposição aos galegos, preferidos pelos carreteiros), e dos mirandeses, da batata e dos presuntos; serras e mais serras, vales profundos, cheios de vegetação; gente altiva das guerrilhas mais famosas; cantigas e dansas animadas como nas «segadas» e «vendimas»; trajos de burel e tecidos grosseiros, feitos, pisoados e amanhados em casa; curiosidades das «modas» serranas, côres sombrias, polainas de burel; *nisas* com rabo, dos homens; *jaqués* com pestanas, das mulheres, de pano preto; *casibeques* sem cinta, apertados com atilhos de couro, saias de xerga; *capuchos* de

(1) Cláudio Basto, *Lusa*, 1918, I (n.º 20), p. 155 e 159. Figueiredo da Guerra, *Id.*, I (n.º 22), p. 172 e 174.

(2) Bluteau, *Vocabulário*, s. v. «picamilho».

(3) O adágio trasmontano é: «para cá do Marão governam os que cá estão».

burel e *capelas* de briche, ou saiotes pela cabeça; as *crossas* e *coroças* ou *palhoças* de palha centeia, de resguardo da chuva; a *capa de honras* de Miranda, de saragoça ou burel, de talhe fradesco, muito decorada, com capucho e fitas pendentes; casas serranas, negras por falta de cal, com as paredes de schisto e granito descarnadas, sem aparelho, telhados de colmo de canas de milho e palha de centeio (colmaço), seguras com pedras e troncos de carvalho novo (Barroso); «*terras de invernar*», nos vales; «*terras de veraneiar*» ou «*verandas*», nas serras; ruas das aldeias, atapetadas de tojo a curtir ao sol, para estrumes; costumes primitivos da serra, gente de menos, emigração despovoante; melodia simples e variada, ora alegre ora melancólica, dansas e ritmos vivos e rudes.

São as terras do Douro cortadas em degraus, montes abaixo, até os rios, ricas de arvoredos, pinhais espessos, e, sobretudo, as vinhas do famoso vinho do Pôrto; montes, vales profundos, serras longe; paisagem cinzenta, campos de tremoço, milhais, muitas éguas em Amarante e Baião; rio Douro, barrento; mais para o interior taboleiros, limpos, sôbre muros de schisto, vides alinhadas nos degraus, alto ou abaixo dos montes, enforcadas em tudo, em árvores, esteios, postes; Baixo Douro, ardente, schistoso, vinhas rasteiras; casais brancos; terra menos repartida que no Minho; actividade das mulheres no trabalho; grande densidade; cantigas vivas, puladas, terra da *chula*.

São as chãs verdes da Beira, entre o Caramulo e a Estrêla, com castanheiros nas vertentes, vinhas nas baixas, fatura, laranjais nas almargens; as serras alpestres do Centro e Sul da Província, com searas de centeio, oliveiras; os pinhais por tôda a parte, os arrosais da Beira-Litoral, as dunas, as salinas e os barcos da Borda-d'Água; a Ria de Aveiro com os seus *canais* (de Ílhavo, ao S., de Ovar ao N.), as suas *cales* (da Vila, do Espinheiro, do Ouro, da Marta, de Almundacel, do Vouga, do Chegado), os seus *esteiros* (de Oudinot, dos Frades, de Esgueira, da Formata, de Canelas, de Salreu, de Estarreja, de Vairos...), os *veios* (da Arada...), os *rios* (Rio Novo, Rio Velho), os *lagos* (do Paraíso...), as *ilhas* (de Sama, do Poço, do Monte Farinha, dos Ovos, da Gaivota...), rio e mar; são terras escalavradas, *birreiros*, e charneca escalvada pela queimada, *ucha*; são «as infinitas virgindades dessa sagrada terra da Beira, nucleo de fôrça, e ainda agora a mais impoluta ara da família portuguesa» na observação sentida e

justa de Fialho ⁽¹⁾. São as «quinzenas» de estamenha, côres escuras, casteletas, saragoças; os chapeirões de lã negra, os capotes de burel e «crossas» de palhas, calças de velocino; as aveirenses de chale negro de merino e bandós negros, a ovarina de saia rodada, chapelinho preto de feltro sôbre o lenço amarelo ou vermelho, e vidrilhos na casaca, as tricanas de Coimbra com a blusinha cingida, muito clara, e chale traçado; os *palheiros* de Mira, Quaios, Tocha, Cova-de-Lavos, de madeira, sôbre estrados em estacaria, para a areia movediça lhes passar por baixo; casas negras na serra; brancas, alegres, caiadinhos na baixa, entre medas e hortas na Beira-Litoral; cabanas de pastores, rebanhos de ovelhas e varas de suínos.

Canções, no dizer de Michel Ângelo Lambertini, as mais belas de Portugal, melodia simples, variada, harmonia abundante e cheia, ritmos vivos.

Na Extremadura, são as *Lezírias*, baixas, verdes, «monotonias de luz à flor do trigo verde-verde, verde» ⁽²⁾. «Lezíria plena e rio pleno, água e verdura, salgueiros por toda a parte... mergulhando os cabellos verdes na corrente» ⁽³⁾; «regadios imensos da margem do Tejo» ⁽⁴⁾; os *nateiros* deixados pelas cheias, sustidos pelas *marachas*, vedações de suporte constituídas por grupos de salgueiros; as lezírias com os seus campinos a cavalo, meias brancas, calções azúis com botões amarelos, jaqueta de briche, carapuça verde na cabeça, faixa vermelha; é o Estremenho vestido de estamenha negra ou côr de mel com a camisa branquíssima, que levou Sargent a proclamá-lo o mais belo e pictural do mundo. É o típico *çaloio*, dos arredores de Lisboa; são as mulheres de Leiria, côres garridas, vermelho vivo, lenços na cabeça, debaixo de chapelinhos de feltro negro, com borla caída ao lado, saias de sergualhas mescladas, com riscas, faixadas de azul e encarnado; outra saia preta, ou pelo menos mais escura que a outra, anda no braço ou às costas como capa de cerimónia (põem-na quando entram na igreja ou em casa de respeito); são os *zagorros* ou *sagorros* da charneca de Alcácer-do-Sal,

(1) Fialho de Almeida, *Paiz das Uvas*, 3.^a ed., 1915, p. 87.

(2) Fialho, *Os Gatos*, 4.^a ed., Lisboa 1920, vol. IV, 140.

(3) Fialho, *Id.*, p. 134.

(4) Fialho, *Id.*, p. 141.

correspondendo aos çaloios dos subúrbios de Lisboa; terra de pão de trigo e de fruta, moinhos nos altos, grandes vales, serras pouco elevadas, aldeias alegres, cñrios célebres a templos concorridos (Senhora de Nazaré, Senhora do Cabo...), cantos mixtos, mais suaves e expressivos para a costa, canções tricanas de Coimbra, bailados elegantes, leves, ondulados, cantos das fogueiras de Coimbra (S. João) lembrando as antigas festas de Piedigrotta (Napoles), em que se punha na moda a romanza do amor.

É o Alentejano da terra do trigo, o celeiro de Portugal. Grandes searas a ondear ao vento. Muito pão, água escassa «enxuto d'agua e mui seco de prado», no dizer de Bernardim Ribeiro. Planície sem fim, onde qualquer monte ou simples outeiro é uma *serra*, charnecas, montados, onde pastam na engorda os suínos, sobreiros descascados da cortiça, a sangrar. Azinheiras simbólicas do apêgo à terra. Olivais de azeitona de Elvas, azeite de fino paladar; vinhas e searas. A propriedade é imensa, latifundiária com os seus *montes*. A terra é tōda verde na Primavera, amarela no Verão, queimada no Inverno. À roda das eiras, erguem-se as medas, *almearas* ou *almeadas*, de palha de trigo, e vêem-se no cimo cruces de palha ou de cana e alfazema benta. É a terra dos lavradores por excelência; estão agarrados ao campo como nenhum mais; a emigração foi quási nula em todos os tempos; as aldeias disseminam-se, muito brancas, para se adaptarem melhor às necessidades, à terra e ao clima; o capote alentejano, a polaina de couro cru sōbre as *botinas* de atanado (*botinos*, no vale do Sado), os *çafões* e *ceifões* (*guarda-mattos*, no vale do Sado) de pele de ovelha, de borrêgo, ou de cabra, bordados de gregas, de coiro, costuras a côres (Beja), os *pelicos*, çamarras de rabiço, casacos de pele, e o chapéu aguadeiro, os alforges de coiro ou de lã dos malteses (Beja), caracterizam o Alentejano. A mulher é incaracterística; côres ricas, ou claras no Verão, escuras do burel no Inverno, chale cruzado no peito, chapéu grande de homem, adornado de penas de pavão e flores de papel, sōbre o lenço, saias arranjadas em calções nos trabalhos do campo. Cantares dolentes, saúdosos; dansas arrastadas, monótonas, ou vivas no *fandango* e *estalinho*. Terra de pastores, êles são a maior riqueza etnográfica em trajos, arte de gravar, estro de improvisadores de décimas; o trajo, que o «Carrasquinho» tinha visto ao pai e ao avô, ambos cabreiras, era o seguinte: chapéu antigo, bragão, de três borlas,

calções de terciopêlo azul-mar, polainas de couro cru, ceifões de pele de borrago, da descrição de Fialho no *Paiz das Uvas* ⁽¹⁾. A casa é térrea; as chaminés são a parte mais importante, grande lar, dentro, grande e elegante chaminé por fora; é o *monte*; caiam-na amiudadamente, para reflectir a luz do sol e o seu calor, e afugentar as moscas, vício da cal. Espalham-se pela sombra das árvores.

No Algarve, é a *serra* com os moinhos de vento, onde ela é árida, com azenhas nos rios, principalmente em Loulé e S. Brás de Alportel; a *charneca* pedregosa, árvores «esgalhentas», chão duro, espartos; *várzeas* em antigos arrosais, com searas de trigo e hortas; *arrieiros*, areais cobertos de pinhal cerrado; *sapais*, terras alagadas, na costa, lodaçais (*marismas*) com pasto para o gado e com os curiosos *moinhos de mar*. São as amendoeiras, alfarrobeiras, figueiras, piteiras, espartos; casais mui brancos entre a verdura de diferentes côres. É um pomar. Vive da agricultura e da pesca, e as cidades brancas debruçam-se por o mar, achata-das e aconchegadas. Romarias movimentadas, religiosidade pitoresca e festas pagãs dos marítimos, cantigas alegres, fáceis e vivas, dansas ágeis.

*

Na costa alonga-se uma série variada de usos, trajos, barcos, uma idiosincracia particular de gente anfibia, meio humana meio mitológica de sereias e tritões. É um cosmo-rama: os *sargaceiros* de Castelo-de-Neiva, Anha, sobrecasaca de lã forte, branca, cingida ao tronco, apertada com uma correia de couro à cinta, solta à roda ⁽²⁾; os *sargaceiros* e *moliceiros* de bragas e branquetas de flanela de lã ou baeta grosseira e carapuça, em Viana-do-Castelo e na Apúlia; camisolas de serrabeco e boinas aos gomos de três côres, fatos de baetilha branca, as mulheres com serguiilhas das côres dos barcos, na Póvoa; as camisolas de baeta, calças de serrabeco de Matosinhos, os remadores de Camilo no *Cavar em ruinas* ⁽³⁾; os guapos pescadores de Buarcos e de tôda a ria, com

(1) Fialho, *Paiz das Uvas*, 3.^a ed., 1915, p. 148.

(2) Cláudio Basto, *Rev. Lusit.*, 1910, vol. XIII, p. 84-88; *Lusa*, 1918, I (n.º 21), p. 165-166.

(3) Camillo Castello Branco, *Cavar em ruinas*, 3.^a ed., 1912, p. 85.

as rêdes a secar ao sol em varas de madeira, paralelas; o calção largo e pernas nuas, camisola ampla, caída, gorro vermelho, dos pescadores de Peniche; e êsses tipos lestos do Tejo, Sezimbra, Sines, costa algarvia. São os barcos: jangadas do Minho para o moliço ou sargaço; os barcos revirados em crescente, dos pescadores do largo; os barcos «rodeiros» («rabelos» sem «apêgada»), «rabelos», a remos, à vela, à sirga de homens e bois ⁽¹⁾; a *barca das lezírias* em forma de «pão de bico, mas revirada como as gondolas, chata de fundo, o almeigre da vela à luz morrente... com o pampilho ribatejano, que na terra guia o touro, — na agua servindo de remo» ⁽²⁾; as galeotas do Tejo, canoas, fragatas, chalupas, de uma vela, palhabotes, hiates com o seu gaftope, patacho, de vela de mesena, a duas velas, a galera e o lugre a três mastros.

*

Por esta rápida resenha se vê o grande alcance do estudo regional, pelo seu aspecto externo, e a lição de nacionalismo, que prende o homem à terra, como seu elemento íntimo.

Daqui se depreende que, delineado o campo de acção do homem, se há-de lógicamente seguir a forma por que ela se exerce, isto é, a organização agrícola e as instituições locais.

V

O trabalho agrícola exige homens de permanência, com a sua *jornada* (*jornaleiros* e *ganhões*) e homens eventuais, nos grandes períodos de cultura, especialmente nas *vindimas* (no Norte, isto é, no Douro, e em geral nas regiões vinícolas), nas *ceifas* (Alentejo, principalmente) e na colheita da azeitona, *apanho* ou *apanhamento* (nas zonas de grandes olivais); e andam êles aos grupos, oferecendo-se aos patrões e *menageiros* (de «menagem» ao patrão, — capatazes), de terra em terra; andam em *malta*, são os *malteses*.

O *empreiteiro* toma o serviço de empreitada; o *menageiro* é o director do *ranch*o, formado pelos *malteses*, que buscam em conjunto em *malta* o trabalho, e pelos *ganhões*, que andam

(1) Camillo, *Maria da Fonte*, 2.^a ed., 1901, p. 177.

(2) Fialho, *Os Gatos*, IV, 134.

dispersos de «monte» em «monte», no Alentejo. O pagamento dos trabalhadores é por *empreitada* de serviços ou por *jorna* ou *soldada*, ao dia. No Minho (Arcos) os trabalhadores associam-se na lavoura uns com os outros, em trabalho recíproco, chamando-se a isso por lá *embeleirar* ⁽¹⁾.

Há migrações constantes, ocasionadas pela procura de pessoal, «família», se diz no Alentejo. São os *ratinhos*, malteses da Beira, que descem ao Douro nas vindimas, e ao Alentejo nas ceifas; os *caramelos*, que procuram no Sul os trabalhos de campo; são também os *galegos*, Minhotos, que trabalham nos lagares de azeite, no Alentejo ⁽²⁾.

Na vasta e celeira província alentejana, a lavoura tem uma constituição particular, mais complicada que na cultura simples do Norte e Centro. Compreende: uma ou um grupo de *herdades* associadas na lavoura de exploração agrícola e pecuária, do dono, — o lavrador. O *rendeirô* é o lavrador que traz propriedades de renda, é o típico *lavrador rendeiro*, que paga a renda ao *lavrador senhorio*. As propriedades que formam a lavoura, constituem um conjunto intitulado o *Cómodo*, cuja sede ou centro é o *monte*, onde está o *casco da lavoura* (a *ucharia*: mantimentos, forragens, alfaia agrícola...). As lavouras distantes do *Cómodo*, não tendo *cómodo* próprio, diz-se que andam de *cavalaria*. O «monte» abrange a moradia do lavrador e as dependências: casas, barracões, telheiros, horta, quinta, às vezes olival, vinha, monturos.

Entra neste capítulo com a constituição da lavoura ou exploração agrícola e processos de cultura a organização do trabalho, o amanho, limpeza, rega das terras, o regimen proletário, nos vários serviços e misteres, com as horas de descanso e vagares; as festas do fim, nos trabalhos de longa dura como ceifas, vindimas e colheita da azeitona, os descantes, o regimen tradicional da cultura das terras, os instrumentos e seus nomes da alfaia agrícola, o calendário do

(1) Oscar de Pratt, *Revista Lusitana*, vol. XVIII, p. 104.

(2) Leite de Vasconcelos: *Ensaio Ethnographicos*, Lisboa 1910, IV, 332 e ss.; *Lusa*, I, 161, 162; — Garrett, *Arco de Sant'Anna*, cap. XXXII «... é dessa gente de ganhar que nas comarcas do Sul do reino chamam *ratinhos*»; *Fenix Renascida*, vol. I (1746) p. 326, V, 27 e 181-182; — Carolina Michaëlis, *Revista Lusitana*, 1908, vol. XI, p. 27 a 38.

campo ou folhinha ⁽¹⁾, os anexins respeitantes, os cantares predilectos dos trabalhos.

VI

Nas instituições locais incluir-se hão os regimes de pastoreio, de caça e pesca, de regas, de lenhas ⁽²⁾ e carvão, do forno aldeão; como a comunidade familiar da propriedade em Miranda (*Terras de Miranda*) com um juiz, eleito pelos aldeãos para fiscal rigoroso, que impõe multas em vinho, mais tarde bebido em conjunto por todos; a comunidade de pastos do Marão e da serra de Maçãs, entre o Minho e Trás-os-Montes; as do regime agrário, pegoral e silvícola das Alturas de Barroso; a comunidade de moinho, touro, forno e carvão nas serras barrosãs; a comunidade de águas, forno e pasto no Alentejo; a comunidade do rabisco de cevada e centeio, depois das ceifas, para os pobres, em Trás-os-Montes e Beiras.

No monte se procuram os *langanhos*; diz Gil Vicente:

Diz hum verso acostumado:

Quem quer fogo busque lenha ⁽³⁾.

De troncos velhos, *canhotos* tira-se lenha (*canhotas*) em Valdevez; achas, *brinchas*, na Beira Alta; as vinhas no Alentejo dão as *feixotas* de ramagem.

Não podem esquecer-se as formas primitivas do imposto hoje ainda em uso. As *avinças* ou *avindas* em géneros ao abade, ao curandeiro do gado, etc. ⁽⁴⁾. A *maquia* e a *poia*, pagas ao moinho que moe o trigo e ao forno que coze o pão,

(1) Cláudio Basto, *Revista do Minho*, xx, «Folhinha popular»; D. Leite de Castro, *Folk-lore Vimaranesse*, Espozende 1908, p. 23 e 24; Leite de Vasconcelos, *Ensaio Ethnographico*, Lisboa 1906, III, 258, *Rev. des Traditions Populaires*, IV, 651; Tomás Pires, *Calendario Rural*, Elvas 1853.

(2) Estêvas, urzes, trovisco, tojo, etc., ramagens.

(3) Gil Vicente, *Pranto de Maria Parda*, Obras, Lisboa 1859, III, 371.

(4) Viterbo, *Elucidario*, s. v. «avinça». Oscar Pratt, *Revista Lusitana*, XVIII, 71.

que os forais estipulavam. Na Figueira-da-Foz, pagar a *maquia é queimar as meias*. Diz uma quadra de Barroso:

Coitado de ti, coitado,
Coitado por muitas vias;
Quantos foram ao moinho,
Só tu pagastes as maquias ⁽¹⁾.

Em Santo-Tirso, os carpinteiros e pedreiros, quando findam as obras em uma casa, põem nela um ramo. O patrão tem de lhes dar ou pagar uma «patente», chamada *molhadura* ⁽²⁾; em certo lugar, como Palmeira, esses artistas tem direito a três «molhaduras»; no princípio das obras, no traçamento, considerado o meio das obras, e no fim. Paga-se a *patente* a qualquer pretexto, uma coisa que se acaba, ou finda, uma situação em que se entra, etc. Fala dela António José da Silva, o *Judeu*, no *Amphytrião* ⁽³⁾.

O pagamento de rendas e foros em géneros é uma sobrevivência natural, lógica do comércio primitivo e dos seus pagamentos por troca.

Os *celeiros comuns* foram criados por imposição das circunstâncias, como tôdas as instituições naturais, quer iniciadas de acôrdo mútuo e prática comum, quer de ordem hierárquica pelo reconhecimento das condições imponentes. O mesmo se deu com gafarias, albergarias e mais tarde as *misericórdias* com a *roda* dos expostos, o hospício, etc. Outra coisa não são os *municípios*, comunidades criadas pelo povo e legalizadas pelos Reis ou Senhores.

O roubo teve a sua instituição consuetudinária. Para as cabras medrarem, devem comer erva roubada; gato roubado é bom rateiro; as plantas e estacas dispostas, para pegarem melhor e florescerem bem, hão-de ser roubadas; o roubo medicinal prescreve que a telha roubada e oferecida a certa imagem de S. Pedro, corta as sezões.

(1) F. Barreiros, «Tradições pop. de Barroso», *Revista Lusitana*, XVIII, 253.

(2) Leite de Vasconcelos, *Tradições populares de Portugal*, Porto 1882; Pires de Lima, *Rev. Lusitana*, XVIII, 189-190.

(3) Antonio José da Silva, o *Judeu*, *Amphytrião*, ed. 1916, p. 193.

As medidas antigas, hoje usadas na província e que a nomenclatura conta, não podem esquecer-se na sua instabilidade e variedade local, em redor do padrão: — o *almude*, de 12 canadas, que vai de 7,5 em Midões (Táboa) e 8 em Arganil e Táboa, até 60, da chamada « medida de Trancoso » (Almeida e Mantcigas) e 64 de Almeida; — a *canada*, de 1^l,40, que varia de 1^l,375 em Moncorvo, 1^l,395 de Sintra, a 4^l,500 em Melgaço, 5^l,045 no Soajo, e 5^l,320 em Salvaterra-do-Extremo; — o *alqueire* de 13^l,80, para sólidos, de 13^l,00 em Rio Maior, 13^l,060 em Lagos, 13^l,070 no Cartaxo, a 20^l,024 em Amarante, 21^l,734, a « rasa grande » de Vila-do-Conde, 24^l,320 em Pêso-da-Régoa, 45^l,210 em Castro-Laboreiro (Melgaço).

Vem depois as medidas especiais, para sólidos e líquidos: a *medida de cogulo* de Melgaço, alqueire de cereais, de 30^l,112; a *medida do Pôrto*, em Alijó, com a canada de 2^l,090; Mesão Frio e Pêso-da-Régoa de 2^l,083; Murça de 2^l,130; Ribeira de Pena 2^l,108; a *medida de Santa Morta de Penaguião*, que no concelho do Pêso-da-Régoa é de 19^l,180 para o alqueire, e 2^l,186 para líquidos; a *medida de Vila Real*, no Pêso-da-Régoa e Poiares, 15^l,890 e 2^l,475; e a *medida do Eixo* (Oliveira do Bairro, canada de 1^l,980, almude de 10 canadas), de *Malta*, do *Reguengo*, de Famalicão (alqueire ou rasa comum de 17^l,640), do *Cabido de Braga* com um alqueire para trigo, outro para milho, outro para centeio (17^l,777, — 16^l,506, — 17^l,326), a *do Cabido de Valença* (21^l,164, alqueire), a *medida velha do Cabido do Pôrto* (alqueire de 19^l,170), a *rasa do Reguengo*, de Barcelos (17^l,974), a *rasa grande ou velha*, da mesma vila (20^l,163), a *rasa pequena* ou *alqueire* de Vila-do-Conde (15^l,011), a *rasa de Guimarães*, também de Vila-do-Conde (19^l,501), o *rasão de lagar*, de Arouca (114^l), o *cubo* (Castelo Branco, Coimbra, etc.), para castanhas, de 18^l,510 a 29^l,300 no Fundão, o *tacho*, de 25 quartilhos (12^l,5) da Pampilhosa, e as medidas de contos, prastos, celeiros, de foros e rendas, de misericórdias, etc.

Há medidas de superfície, usadas na lavoura, como a *geira*, medida correspondente ao que uma junta de bois lavra num dia; o *astim*, medida de cem passos de comprimento usada nas margens do Tejo, etc.

« Não há légoa pequena, nem quartilho grande » — diz o adágio.

VII

No campo mistura-se demais a religião e a superstição, e não se encontra uma prática ou festa cristã sem um aspecto ou um ressaibo de paganismo. O que não admira, quer pela constância do condicionalismo natural do homem perante a natureza, quer por ser, em muitos casos, a fórmula cristã uma simples sobreposição de ideia ou de facto pagãos. Por vezes não aparecem as relações do paganismo, no entanto encontra-as quem as procure.

A religião comum é a católica, apostólica, romana. Além das capelas rurais, mais ou menos sujeitas a modelos tradicionais, como êsses lindos alpendres à frente, sôbre colunas ou simples esteios, encontram-se por tôda a parte (nas encruzilhadas a santificar o lugar, que é o ponto de reunião das bruxas e do demónio, que faz perder o caminho aos viajantes, ou à beira de estradas e caminhos, onde um homem morreu), os cruzeiros de pedra ou de madeira, singelos ou artísticos, mudos ou com inscrições alusivas, a miúdo com coroas de flores a lembrar a saüdade de alguém.

No Marão, cada viajante, que passa pelas cruzes de pedra, cruzes funerárias que marcam o lugar onde caíram mortos os que a piedade dos parentes assim faz evocar, ao lado da estrada de Vila-Real a Amarante, reza um P. N. e atira uma pedra ⁽¹⁾ (são os *Fiéis de Deus* êsses montes de pedra, formados ao redor das cruzes). Em Rio Tinto dá-se o mesmo com uma cruz de ferro ⁽²⁾.

Em capelas, nichos, nas paredes, numa árvore, numa esquina, ou applicadas numa cruz, vêem-se as *alminhas*, onde Jesus crucificado ocupa o principal lugar, ou só as almas enchem o retábulo de azulejos, ou pintado em fôlha de ferro, lata ou madeira, ou simplesmente no fundo rebocado sôbre a cal da capelinha ou nicho. «São as alminhas brancas nas encruzilhadas com os seus beirais encarnados, sua lâmpada, seu animismo e seus Padre-Nossos», — que nos descreve Antero de Figueiredo nas suas *Jornadas de Portugal* ⁽³⁾.

⁽¹⁾ Leite de Vasconcelos, *Tradições populares de Portugal*, Pôrto 1882, p. 93; in *Língua Portuguesa*, Lisboa.

⁽²⁾ Leite de Vasconcelos, *Religiões da Lusitânia*, II, 205.

⁽³⁾ *Op. cit.*, p. 42.

A religiosidade penetra tudo, trasborda, e dos Minhotos diz Oliveira Martins: «ai de quem lhes bolir ou nos interesses ou no culto! ou na igreja ou no chãozinho» (1).

Nas casas, por fora, os «registos» de azulejos têm pintados em retábulo as melhores invocações da Virgem e do Agiológio, ou os seus protectores contra incêndios (S. Marçal, S. Mamede, etc.), contra raios (Santa Bárbara, S. Lourenço...) assim como os de prestígio regional (N.ª S.ª das Brotas, em Évora, Santo António em Lisboa, etc.). Constituem por vezes lindos espécimes do azulejo de Setecentos.

Nas igrejas abundam os *milagres* pintados em quadros ingénuos, que descrevem o milagre pela pintura e pela inscrição que a completa, com os nomes, data, lugar e circunstâncias. Estão a-par todos os *ex-votos*, que são os sinais das promessas cumpridas, como corpos inteiros de cera, ou cabeças, gargantas, braços, pernas, seios, como tranças, mortalhas, ou olhos de fôlha e de cera (nos altares de Santa Luzia), ou animais de cera e madeira (nos altares de S. Marcos, S. Cornélio, etc.).

Garrett, no *Arco de Sant'Anna*, refere-se aos milagres de cera. «Na rua de Sant'Anna, uma das primeiras que a minha infancia conheceu, as gothicas feições d'aquelle arco... e a alampada que lhe ardia continua e os milagres de cera que lhe pendiam á roda» (2). Das promessas de fé, que o *ex-voto* recorda e cujo cumprimento êle marca, faz Gil Vicente alusão no *Auto da India* (3):

E eu fui-me de madrugada
A Nossa Senhora da Oliveira.
E co'a memoria da cruz
Fiz-lhe dizer huma missa,
E prometti-vos em camisa
A Santa Maria da Luz.

As romarias multiplicam-se em todo o país, principalmente no Norte e Centro, onde o povo é mais religioso; tem no Sul a paridade dos *cirios*. Incluem os *clamores* como em

(1) Oliveira Martins, *Portugal Contemporaneo*, II, 186-187.

(2) Garrett, *Arco de Sant'Anna*, cap. I.

(3) Gil Vicente, *Obras*, III, 40.

Refojos (Ponte-de-Lima) na terça-feira de Páscoa. O *clamor* é uma procissão, espécie de cício, com música, festiva, que, como a da Senhora da Ourada (Melgaço) vai em romaria a certos templos em determinada época, sendo em Maio os da Santa da Ourada. Em Vizela são tradicionais os *serões*, grupos de meninas que, em cumprimento de promessa de algum devoto, vão a uma igreja, cantando pelo caminho e à roda da igreja a Ave-Maria e versos de louvor.

A Senhora da Lapinha tem a sua capela junto de Guimarães, na Serra de Santa Catarina; no primeiro Domingo, após o Santo António, vai lá uma procissão rica de adornos, passando pela Senhora da Oliveira; desde esse dia o bicho não entra no milho; nuns rochedos há umas «pègadas» e sulcos onde a Virgem seca as meadas e põe as maçarocas, a que se referem quadras regionais (1).

A Senhora da Lapinha
Anda no monte sem roca,
P'ra acabar uma meada
Falta-lhe uma maçaroca.

A Senhora da Lapinha
Tem uma meada de ouro,
Lavada na Fonte Santa,
Còrada no Miradouro.

A maior romaria do distrito de Bragança é a de N.^a S.^a da Assunção, em Vilas Boas. No Minho há romarias notáveis como a da Senhora da Agonia, de Viana, e a Senhora de Pôrto de Ave, a da Abadia, a da Peneda (Arcos), a das Cruzes em Barcelos, em honra do Bom Jesus da Cruz, que é a mais antiga e de melhor história, sem esquecer a romagem nacional do Sameiro. As festas de N.^a S.^a da Nazaré são as mais freqüentadas do Centro do País, e lá vão círios do Sul, deixando fama o antigo *cício da prata* que lá ia de Lisboa; da ladeira da Barquinha para a Nazaré, o povo diz, ao avistar a capela da Senhora: «Lá está a Senhora da Nazaré», e descobre-se; no regresso, ao deixar de ver a capelita, branca no horizonte, volta-se e diz: «lá fica a Senhora da Nazaré». E tantas tantas romarias por esse país além. Descreve-lhes a animação Eça de Queiroz nos *Contos* (2): «era domingo de

(1) Oliveira Guimarães, abade de Tagilde, *Guimarães e Santa Maria*, 1904, p. 82-85.

(2) Eça de Queiroz, *Contos*, 4.^a ed., 1918, p. 94, «Civilização».

immensa poeira e sol — e encontrámos ahí (estação em *ola* a caminho de Tormes), enchendo a plataforma estreita todo um povaréu festivo que vinha da romaria de S. Gregorio da Serra... Para aquelle trasbordo, em tarde de arraial... E, sem mesmo attender ás lindas moças que alli saracoteavam aos bandos, afogueadas, de lenços flammejantes, o seio forte coberto de ouro, e a imagem do santo espetada no chapéu».

Dos finais das romarias, em que homens e povoações se desafiavam e lutam veio o rifão, que aconselha:

Boa romaria faz
Quem em casa se fica em paz.

As cantigas provenientes das romarias são um rico album de folclore. As dansas, os descantes, as desgarradas, tem o pitoresco e a graça real das festas, como essas romarias do Minho e seus bailaricos pulados ao som do harmónio, e as rodas encristadas de Trás-os-Montes em volta do gaiteiro.

Nas festas de N.^a S.^a do Couto, em Arcozelo (Minho), as donzelas representam «charolas e dansas», comédias como uma de marujos simulando um naufrágio, e espingardeiros fingindo luta entre Portugueses e Castelhanos, pretos cantando e dansando o fandango, etc.

Os Santos são chamados em tôdas as necessidades, «são aquellas divindades mysteriosas, que servem como os proverbios, para se ageitarem a todas as situações da vida, para consolarem toda a especie de soffrimentos» ⁽¹⁾. São patronos nos males do corpo e nos desaires da alma, protectores de interesses e de amores. Pede-se-lhes saúde, chuva, sorte e casamentos. Cada Santo protege contra um mal, e os seus devotos fazem-lhe romarias, promessas, oferecem-lhe *ex-votos*. — «Emquanto há saúde, quedos estão os santos», — diz o rifão. Depois: «deixa fazer a Deus, que é Santo velho».

E para a vista invocam-se Santa Luzia e S. Longuinhos; para o *ouvido* Santo Ovidio; para a garganta S. Brás (por êle grita quem se engasgar); para os aleijões Santo Amaro; para os males do juízo e da cabeça o decapitado S. João Baptista; para a pele S. Bartolomeu; para as bexigas S. Vicente; para

⁽¹⁾ Júlio César Machado, *A Vida em Lisboa*, 2.^a ed., 1901, I, p. 161.

a peste e febres S. Sebastião; para as sezões S. Paio ⁽¹⁾; para as nascidas ruins S. Bento; para os partos Santa Catarina e Santo André ⁽²⁾.

Santo Antão imaculado,
Patrono dos lavradores;
Santo assim, tão festejado,
Não o há nos arredores ⁽³⁾.

Oferecem-se animais; levam-se em romaria, todos enfeitados, vão à igreja ou em procissão (a *Festa da Burrinha*, cheia de flores e fitas, com a imagem de Nossa Senhora com o Menino; a do *Boi Bento*, ambas em Braga; as de S. Marcos, Santo Antão, S. Frutuoso (também protector dos *frutos*), S. Cornélio, protector dos animais de cornos, como em França o é *Saint Cornély*, em Saint-Herboos, perto de Huelgoat).

Correm môças, correm velhas,
À vossa festa, Senhor;
E mil carros e parelhas
Enfeitados a primor ⁽⁴⁾.

Os pescadores e homens do mar recomendam-se a S. Fr.

⁽¹⁾ Na Torreira (Aveiro) faz-se anualmente a romaria de S. Paio, padroeiro da freguesia da Murtosa. Nessa romaria as mulheres da Murtosa banham o Santo num alguidar cheio de vinho, e depois bebem o liquido, cantando:

Ó S. Paio da Torreira,
Ó milagroso santinho,
Hei de cá voltar p'ró ano
Lavar o Santo no vinho.

⁽²⁾ D. Francisco Manuel de Melo, *Carta de guia de casados*, ed. «Renascença», 191; P.^o Carvalho da Costa, *Corographia Portugueza*, ed. 1712, III, 355.

⁽³⁾ Fernandes Tomás, *Velhas Canções e Romances Populares Portugueses*, Coimbra 1913, «Santo Antão» (Covilhã), p. 92.

⁽⁴⁾ Fernandes Tomás, *Id.*, p. 93.

Pêro Gonçalves, o *Corpo Santo* ⁽¹⁾. «Em sendo chamado, acode logo com a luz, e não ha homem que possa dizer que depois de visto o Santo farol fizesse naufragio». — «He este farol hum lume como de huma vela, o qual não toma lugar certo na náo: ora apparece sobre os mastros, e ás vezes sobre lugares mais baixos dos navios: e o ordinario he não se ver senão em tempestades de grande perigo». Já no século XVI havia no Funchal uma igreja do *Corpo Santo* ⁽²⁾.

Por todo o país a crença faz apparecer imagens de Nossa Senhora, que são outras tantas capelas brancas de devoção (*Senhora da Anunciada, da Água ou Pequenina, de Setúbal, a da Arrábida, a da Peneda, em Arcos-de-Valdevez, a da Rocha, junto de Lisboa, a da Pena, na Serra de Sintra, etc.*), e de milagres (como o da Peninha, de Sintra, onde uma pastoreinha muda guardava um rebanho, e, perdendo-se uma ovelha, foi procurá-la, ansiosa, e encontrou-a afagada por N.^a S.^a que lhe perguntou ao que ia: «buscar a ovelhinha», respondeu a muda; e a Senhora lhe ordenou: «vai a tua mãe e pede-lhe pão...»).

VIII

A superstição manifesta-se em todos os actos da vida. Há amuletos para tudo, *naturais* e *artificiais*; — nos *naturais*: os «animais» (hipocampo, mão de sapo, cabeça de víbora e morcego, ossos, crânios, dentes, chifres ou cornichos); os «vegetais» (trevo de «quatro fôlhas», caroço de azeitona, e cristãos: ramos de oliveira, alecrim, rosmaninho ou louro, cruces de canas e ramos bentos), e os «minerais» (pedra, metal, água); — nos *artificiais*: anéis de defunto, pedaços de mortalha, figas, *sino-saimão*, ferradura, «pedra de raio»...

Entre os amuletos campestres, citemos o costume do Alentejo em Domingo de Ramos, em que todos os possuidores de sementeiras de cereais ou legumes, vão pôr-lhes cruces de alecrim bento, para os livrar do *mau olhado* ⁽³⁾. A Senhora do

⁽¹⁾ Fr. Luís de Sousa, *História de S. Domingos*, Parte I, liv. IV, cap. 24.

⁽²⁾ Gaspar Frutuoso, *Saudades da Terra*, ms. do séc. XVI, ed. e notas de Roiz Azevedo, 1873, p. 8.

⁽³⁾ Tomás Pires, «Superstições, crenças, usos e costumes alentejanos», na *Revista Lusitana*, vol. XI, p. 263.

Vale é advogada contra a «bicha do milho» (1). Na Terça-feira de Páscoa vai lá o *clamor* de Refojos (Ponte-de-Lima) com gente de toda a freguesia, e o pároco à frente. Clama-se: «S. João Baptista guarde as nossas searas». Quando se faz a procissão de Guimarães à Senhora da Lapinha, o bicho não entra com o milhão, e o mesmo acontece com a procissão de N.ª S.ª das Candeias das Caldas de Vizela (S. Miguel) a Tagilde, no primeiro Domingo de Julho (2).

Quando se quiere chuva, molha-se um santo escolhido, como S. Miguel, em Vila Real (3), um Santo António em Bragança... Segundo outras práticas de pedir chuva, *revolvem-se penedos* e deitam-se à água; em Fozcoa, no sítio do Lameiro da Azinhata, as raparigas, em número de nove, vão cumprir uma promessa a N.ª S.ª e viram para baixo uma pia de água benta, e regressam a casa (4).

S. Jerónimo e Santa Bárbara livram das trovoadas, e a *Campana Santa*, uma sineta na capela de S. Ciriaco, em Terras-de-Miranda (Genízio), ao tocar, afasta os raios, tal qual as *pedras do raio*, *coriscos* ou *scentelhas*, de pedra e ferro. Queimam-se plantas benzidas no Domingo de Ramos (alecrim, loureiro, oliveira, rosmaninho, etc.).

Para a superstição dos nomes, a invocação é preciosa. Chamar por S. Jerónimo ou Santa Barbara é quanto basta para salvar o perigo do raio; gritar por S. Brás livra o engasgado; chama-se pela Senhora da Guia, ao ver um meteoro. Tem valor especial a missa dita por um padre chamado João. Manuel e Maria serão as duas crianças, que devem de figurar em certas operações de desembruxamento (Brinches) (5); quando uma criança, pela ordem do seu nascimento, pode vir a ser lobishomem, põe-se-lhe o nome de Bento; João e Maria devem de ser as duas crianças, que passam pela fenda de um carvalho cerquinho, uma para a outra, qualquer

(1) Félix Alves Pereira, *Lusa*, 1917, vol. I, p. 35, § 25.

(2) Oliveira Guimarães, *Op. cit.*, 116; e Augusto José Vieira, *Minho Pittoresco*, I, 641.

(3) António Gomes Pereira, «Linguagem e Tradições populares de Villa Real», na *Rev. Lusitana*, 1909, vol. XII, p. 318, n.º 3.

(4) Almeida, *Diccionario Chorographico*, III, 229.

(5) Filomatico, in *A Tradição*, I, 75 e 111.

criança herniada, para a curar (Alijó, Pôrto, Beira...); para a sementeira ser boa, há de fazê-la uma môça chamada Maria; etc.

Das *figas* diz, por exemplo, «Cornucopia» a «Mercurio» no *Amphytrião* de António José da Silva, o «Judeu»: «tome, tome duas figas, que lhe não quero dar quebranto» ⁽¹⁾. Dos amuletos animais, eis alguns, além dos já mencionados: chavelho de boi, carneiro, cabra, ou veado, nas pastagens, hasteado num pau, para não dar o *cobro* ao gado e contra influências malévolas na agricultura; ferraduras de mula, id.; ôsso de cão, contra a *praga* dos animais, ao pescoço do gado com sarna; *dente de «barrasco»* ou *chavelhos*, contra o *mau olhado*, na testeira das mulas ⁽²⁾; a *figa* e a *unha* suspensas por uma fita vermelha ao pescoço do animal contra o *quebranto* (Alcanena).

Bruxas e bruxarias, agouros, feitiços, esconjuros, *carmina mágica*, fórmulas de magia, talismans, práticas de S. Cipriano, almas do outro mundo, sinas, quiromância, tôdas estas provas supersticiosas se reúnem no mesmo capítulo.

São as bruxas que aparecem em forma de patos brancos a patinharem nos rios, de gansos (Guimarães) ou de ratas enormes (Vouzela). Encontramo-nos com a existência de *animais mágicos*: o cão ou o galo pretos, o bode, demoníacos, o corvo já do «Cancioneiro da Vaticana», o dragão, o lagarto e a serpente de *Corpus Christi*, os cavalinhos fuscos, de menção entre outros no «Regimento da Procissão de Corpus» em 1482 e de 1567, da Câmara de Coimbra ⁽³⁾. Vem a supersti-

(1) Ed. de 1916, da *Renascença Portuguesa*, Parte 1, Sc. II, p. 64.

(2) Vitorino de Almada, *Diccionario do Concelho de Elvas*, I, 496 e ss., artigo de António Pires.

(3) Os *cavalinhos fuscos* correspondem aos cavalos mitológicos, de superstição popular, chamados Bidoche (Orne), Cheval-Mallet (Loire Inferior), Cheval-Frux (Sul de França), Godon (Orleans), Cheval-Godin (Namur), Algodon (Espaul), Chinchin (Mons), Chevallet (quási geral) na França; Caballet na Catalunha, Hobby Horse na Inglaterra, Schlittenpferd na Alemanha... Adolfo Coelho, *Hyssope*, ed. de Castro & Irmão, p. 442. Falam dêles, entre outros: J. P. Ribeiro, *Dissertações Chronologicas*, IV, P. II, 201, 226, quando se refere ao «Regi-

ção dos dias (má sorte das têrças e das sextas, boa sorte de quintas e sábados), as *horas aziagas* («horas abertas», no Pôrto), a credence do número (três a conta que Deus fêz, sete o Diabo que o espete, práticas supersticiosas com os números 3, 7, 9, e 13, a *oração do Santo Custódio*, de 1 a 13, o *Padre Nosso Pequenino*, etc.).

«Não se luta contra a credulidade popular, que escolhe cegamente as suas vítimas e cria ao acaso a lenda e as superstições», diz o tradicionalista saboiano, Henry Bordeaux (1).

Entre nós escreveu Fialho no *País das Uvas*: «É necessario renovar os cultos pagãos da natureza, resuscitar as festas rusticas e os deuses symbolicos, os evohés, as legendas, fazendo outra vez brotar anões dos rochedos, elfos das troncagens vetustas, e *nixes* dos tranquilos pégos das ribeiras» (2).

IX

A medicina popular é um mixto de práticas supersticiosas, recursos mágicos, invocações de animismo religioso, completado por um receituário e uma cirurgia da máxima simplicidade. Os *curandeiros* confundem-se com os *benzedores*, e são «doitores» e «santos» por acumulação, o que não admira, pois o curandeiro é «bento», fala dentro do ventre materno, como se afluçava já no Libelo de D. Luis de la Penha, na Inquisição de Évora, art.^o 194; usam receituário vegetal de simples e ervas escusas, benzeduras complicadas e remédios misteriosos. Conhecem o segrêdo das coisas e das plantas em especial. Operam a cirurgia prática de *endireitas*, que tanto concertam uma perna fracturada, ou saram um entorse, como levantam a espinhela caída. Transmitem mágicamente doenças de um a outro doente, quer para libertar o padecente, quer por vinganças de áulico dos poderes ocultos. Conhecem

mento da Procissão de Corpus», do Pôrto, de 1621. D. Francisco Manuel de Melo, *Feira dos Anexins*, 160-61. É o Pardalo, o cavalo mágico da «Dama pé de cabra», o cavalo branco de superstição geral, do *Nobiliario*.

(1) H. Bordeaux, *La Maison Maudite*, ed. Nelson, «L'écran brisé», p. 101 (ed. 1908).

(2) *País das Uvas*, 3.^a ed., 1915, p. 13.

a homeopatia na cura da hemorragia pelo «sangue de drago», no tratamento da mordedura de cão pelo pelo do mesmo cão, o ataque ao sarampo com a acção da côr vermelha, etc.

Este capítulo compreenderia: — 1.º as superstições mágicas das benzeduras e exorcismos, esconjuros, — os amuletos preservativos, — fórmulas de hecťairismo primitivo; — 2.º a medicina dos curandeiros: nas doenças exteriores (pele, olhos, feridas), no alívio de dores, no tratamento de febres, dos ossos («endireita»), nos partos, — a sua homeopatia, transmissão de doença, etc.

As regras da cirurgia rústica são curiosas pelo pitoresco de expressão como pela informação de facto. Mau geito (entorse), esticções, vão aos «jogadouros».

E passa a erva bicha para as «almoreimas», chá de betónica para as dores de barriga, infusão de hiparicão seco para os rins, chá de cidreira e limonete para o flato, de casca de carvalho para as quartãs, beberagem de milfurada ou erva sapinha para o figado; as fatias de pão torrado, embebidas em vinho fino e postas sobre a bôca do estômago, para as «queixas do umbigo», fel da terra em jejum para o fastio... A lista das mēzinhas caseiras é interminável de chás, emplastos, compressas, escalda-pés. — «Chá de arestas e pó de bugalho... não há melhor para endireitar o canastro», dizia o curandeiro «Cachapuz» de Ponte-de-Lima aos campónios a quem tomava o pulso e via a língua ⁽¹⁾.

Há coisas surpreendentes neste campo. As maleitas são tratadas a café sem açúcar, com entrecasco de *freixeiro*, fervido em água e aguardente, ou vinho e um *rojado* de osso humano desenterrado ⁽²⁾. Camilo fala de um pastel de carne de gato, para tratar as «almoreimas» ⁽³⁾. No Alentejo dispõe-se que, quando se tem uma ferida, se não coma pão e se ingira muito arrô. Para as feridas contusas, nos Arcos-de-Valdevez, ferve-se um frango preto inteiro com as tripas, junta-se-lhe colmaço velho e esfrega-se a equimose. A quem sofre um delíquio, esfrega-se a garganta com um meote sujo ⁽⁴⁾.

(1) Delfim Guimarães, *Ares do Minho*, 1908, p. 39.

(2) Félix Alves Pereira, *Lusa*, 1917, vol. I, p. 66, § 59: «Colheitas Etnográficas em Valdevez».

(3) Camilo, *O Regicida*, 4.ª ed., p. 12.

(4) Félix Alves Pereira, ed. *Lusa*, I, 66, §§ 56 e 64.

O «chupesta» é o que cura por sucção, faz a sucção do corpo doente, cuspindo fora depois o mal sugado; suga-se a parte magoada, como se sugam os golpes e feridas para extrair o mal ou veneno e evitar agravamento.

A transmissão de doenças dá-se sobre tudo com os sífilíticos, na crença de que a sífilis transmitida às crianças pelos atacados as mata ou não as ataca; esta superstição tem causado a desgraça de muitas crianças, e tem levado aos tribunais criminosos de estupro de crianças menores de dez anos. Caso inofensivo, neste género, é o da transmissão das sezões, em Santa Vitória-do-Ameixial (Alentejo-Estremoz); quem as tiver, corta as unhas, mistura os resquícios com tabaco fazendo com isso um cigarro, e passa por uma en cruzilhada, onde atira o cigarro por trás das costas, sem olhar para a rectaguarda; quem o apanhar, fica com as sezões, e o doente fica logo curado ⁽¹⁾.

Além destas espécies de curandeiros, há ainda as antigas *pessoas de virtude* a que se chamava *saudadores*, pelo costume de exercerem o seu mister pelo bafejo, pela saliva e com palavras. Falaram delas as *Ordenações Manuelinas*; a *Lozana Andalusu*, do P.^o Francisco Delicado, é o repositório de toda a medicina mágica da península da primeira metade do século XVI, e de interesse científico será o trabalho de quem, cotejando a enumeração, verifique as sobrevivências.

O poder mágico desses exorcismos, curas por palavras ou palavras inotas, está no seu desconhecimento, como já o reconheceu Maury ⁽²⁾. O arrábido Fr. José Jesus Maria colecionou os *Methodos* de exorcismar no século XVIII. Os curandeiros benzedores usam ensalmos de palavras desconexas, com rimas consoantes (de balanço e manso, postila e Santa Camila), nomes de santos (S. Pedro, S. Silvestre...), e talham o mal com cruces, facas, tesouras, silvas, palhas, etc. Irmãs e mãe de frades tinham privilégio de curas no Alentejo e no Minho ⁽³⁾.

Leite de Vasconcelos fala de um curandeiro de perto de Lamego. Ia a toda a parte e curava todas as doenças, com um Santo Cristo ao pescoço, chás de ervas, bebidas de camisas dos doentes queimadas, rezas, etc. Só se pagava em géneros, e

(1) Luís Chaves, *Rev. Lusitana* (1916), vol. XIX, p. 330 g).

(2) Alfr. Maury, *Magie et Astrologie*, 2.^a ed., p. 42.

(3) *Hyssope*, ed. princepe, 194.

nunca recebia dinheiro ⁽¹⁾. Há já uma literatura de medicina popular, estudada por Cláudio Basto ⁽²⁾.

X

Da família far-se há o estudo curioso e encantador, — no *derrete* ou namôro —, no casamento com os seus oráculos pagãos ⁽³⁾, adivinhados aos acasos ou nas interrogações mais ou menos cabalísticas (ecos, pedras lançadas com ritual próprio sobre rochedos ou nos orifícios de difícil acêrto, as *sortes* do S. João, os oráculos de S. Gonçalo, de Santo Antão, etc.), os seus costumes (rpto, simulacro d'ele, festas de núpcias, o «alfinete» da noiva, etc.); — na vida doméstica, no lar da família, há muito que observar, no interior da casa, no seu arranjo, nas festas de família, no trato, nas comidas tradicionais, nos nascimentos, nos costumes funerários, no trabalho, nos enfeites.

O namôro tem os seus costumes, as suas práticas, as suas regras e predilecções. O simbolismo amoroso, os presentes próprios, os cantares que vão acompanhando tôdas as fases do amor são assunto vasto e variado. Tôdas as consultas do futuro, evocações amorosas, santos protectores e invocados no amor, formam capítulo pitoresco, para o estudo da alma popular.

Há restos curiosíssimos dos primitivos casamentos à «lei da natureza». Para Bouro, o casamento ainda recentemente principiava por um diálogo preambular entre o noivo e o pai ou parente mais idoso da noiva:

— Que procurais? — perguntava o pai da rapariga, ao noivo que o procura.

— Mulher, honra, fazenda e dinheiro, — respondia êste.

(1) Leite de Vasconcelos, *Encyclopedia Republicana*, Lisboa 1882, p. 188.

(2) Claudio Basto, *Medicina Popular*: I. *Espinhela-caída* (Viana-do-Castelo, 1914); II. *Raiva* (Pôrto, 1915); III. *Bexigas* (Pôrto, 1916); IV. *Quebradura* (Pôrto, 1916).

(3) Luis Chaves, «Sobrevivências neolíticas de Portugal» no *Arquivo da Universidade de Lisboa*, 1919, vol. IV (e sep.), p. 58 e ss.; *O Amor Português*, 1922.

— Ela cabras guardou, sebes saltou; mas se em algumas se espetou, e a quereis como está, assim vo-la dou.

Depois desta cerimónia, efectua-se o casamento, que é indissolúvel por motivo dos antecedentes da noiva.

São vestígios do rapto matrimonial, mais evidente nesta passagem de Bautista de Castro, referida a João de Barros na *Descrição do Minho*: — «Nos casamentos usavam as antigas portuguesas da provincia do Minho não sahirem de casa de seus paes para a casa de seus esposos senão como violentadas: os seus parentes faziam a cerimonia de puxarem por ellas para fóra da porta arrebatadamente, e indo no meio de dois padrinhos, adiantava-se a toda a comitiva um moço, que levava a roca cheia de linho e o fuso» ⁽¹⁾. Outra sobrevivência havia para Santa Vitória-do-Ameixeal, de que falam os velhos, e consistia na fuga da noiva, que, depois da cerimónia religiosa, se disfarçava e escondia para o noivo a procurar e levar para casa. Em outros sítios a noiva, antes de sair de casa dos pais, tem de chorar em gronde alarido, para se mostrar forçada a acompanhar o noivo, como em Alpedrinha, etc.

O casamento compreende festas com costumes particulares e as bodas com culinária própria, os bailes aonde só vão os convidados, — à boda e baptizado não vás sem ser convidado, — e em especial as môças solteiras, que nessas festas têm seu atractivo e condão.

Tôda a vida de família com os seus desgostos e alegrias, canseiras e descansos, norteadas na economia do trabalho cá de fora, e na paz e harmonia lá de dentro, com os filhos, com as superstições da casa, que principiam à porta da rua e acabam no mais íntimo da vida, todo o amor caseiro, tôda a disciplina do sangue, tôdas as manifestações da colectividade moral e temporal que é a família, tudo isso enche na sua enunciação e apreciação scientifica, uma parte sensacional no estudo etnográfico do povo português.

*

A aldeia tem o máximo de carácter típico. Quer o seu agrupamento serrano, ou disseminação na planície, o seu aspecto, a sua taberna, o barbeiro ao ar livre, as festas tradicio-

(1) J. Bautista de Castro, *Mappa de Portugal*, 3.^a ed., 1870, I, 134; João de Barros, *Descrição do Minho*, cap. 9.

nais, sejam religiosas com arraiais e procissões, foguetes e touradas, sejam festas do ano agrícola, tudo isto é um livro de nacionalismo, que nos enraíza mais, pelo espectáculo da ligação do homem à terra natal.

A aldeia na serra anicha-se nos recôncavos, resguardando-se dos ventos, das neves, das chuvas violentas. Na planície espraia-se na facilidade da sombra, da terra e da água. Na montanha as aldeias de Verão, onde as populações passam o tempo estival, são as «Veraneiras» ou «Verandas», e no Inverno descem às aldeias de hibernar ou «Inverneiras», em Trás-os-Montes (Barroso, Castro-Laboreiro, etc.). No Alentejo, cheio de sol e secura, as aldeias disseminaram-se, espalhando-se ao redor de fontes e poços e pelas sombras e terras férteis de horta ou pomar. Nos terrenos graníticos, onde a água brota escassa em numerosas nascentes, a aldeia espalha as casas em volta delas (Trás-os-Montes e Minho). Nos terrenos calcáreos, a água abunda em fontes menos numerosas, e a aldeia não se espalha tanto (Extremadura). As aldeias são escuras onde falta a cal (Trás-os-Montes, Beira), são claras onde ela abunda (Beira-Litoral, Alentejo e Algarve).

Na costa de Mira (Beira-Litoral) há curiosas aldeias de casas de madeira sôbre estacas, na areia. A areia móvel passa-lhes por baixo e elas, sobranceiras, mantêm-se. São os *palheiros* de Mira, Quiaios, Tocha; os da costa de Lavos, para além da Foz do Mondego; e os de Vieira, já perto de Leiria.

Nas aldeias de cabanas de pedra solta e parede baixa, colmadas, da Serra-da-Estrêla às aldeias de pescadores, ao longo da costa, de barracas de madeira e barcos velhos, transformados em casas, pouco vai, na mesma rudeza, no mesmo primitivismo de cabana-abrigo, sem o mínimo conforto, casas apenas para protecção da intempérie, sem culto do lar.

Na aldeia há os passatempos, a taberna «social», o forno comum, as profissões características, o barbeiro de ar livre, o adro da igreja para *forum* rústico, as oficinas e poisadoiros, o ferreiro que malha na forja e é um potentado com o mestre e o prior. Os moleiros giram nas azenhas; nos altos, ao vento moem os moinhos *negreiros*, de milho e centeio, e os moinhos *alveiros*, de trigo, com uma ou mais rodas, onde a *roda* é o conjunto das «pedras poentes», a *mó* e o *pé*.

As festas do campo são numerosas, mas o espírito é sempre o mesmo: comer, beber e dansar. São as do *acabamento*

da azeitona ⁽¹⁾, o das vindimas; as *desfolhadas* com os bandos da ajuda, as rodadas de abraços, o *milho-rei*, etc. São as festas do orago, com iluminações, fogo de vistas, bailados e música, barracas de comes e bebes, procissões com anjinhos, onde a hospitalidade portuguesa se manifesta exuberante, chamando cada vizinho à sua festa os seus convidados, que trata magnanimamente e com usura.

Festanças e jogos há-os próprios de cada região. A malha, a barra, são jogos de força, mais do Norte; para o Sul, são preferidos os de destreza, como as corridas, o toureio. Há jogos classificáveis em tipos, pela sua natureza, pelo processo de marcação, pelos instrumentos de que servem os jogadores, uns para adultos outros para crianças, tendo em geral épocas próprias para cada um.

XI

Na arte, muito já fica disperso por estas observações, e é um vastíssimo campo de exploração.

O *folclore* é inexgotável. São os *autos* pastoris ou de pre-sepe, composições teatrais executadas nas festas do Natal, Ano Bom e Reis, em palcos improvisados, scenários de ramagem ao longo das paredes do palco. Os *Reizeiros da Maia* representam o seu auto sobre um carro de bois. No volume I das *Lendas e Narrativas* de Alexandre Herculano o conto *A abobada* começa pela descrição do *Auto da adoração dos Reis* na Igreja do Mosteiro da Batalha. Em Terras-de-Miranda, na aldeia de *Duas Igrejas*, Antero de Figueiredo assistiu à representação rústica, sem scenário, com as indicações locais como em Shakspeare, *A muito dolorosa Paixão de N.º S.º Jesus Christo*, de Francisco Vaz, onde o actor que fêz de Jesus o impressionou pela emoção, que imprimiu à sua fala no Crucificado em oração ⁽²⁾. É grande a bibliografia dos *Autos de Santos*.

Nas festas de aldeia do Norte representam-se ainda amiú-

(1) Luís Chaves, *O acabamento da azeitona*, *Terra Nossa*, Junho de 1916, n.º 2, p. 26-30.

(2) Antero de Figueiredo, *Jornadas em Portugal*, Lisboa 1921, p. 147 e ss.

dadas vezes autos da vida de Jesus Cristo e dos Santos. As representações são animadas e irrisórias, mas cheias de melodramático e de pitoresco em geitos scénicos de coisas e pessoas.

Abundam as *farças*, como o *Cego e o Moço*, *Passarola*, o *Frade e a Beata*, a *Lambisqueira*, xácaras dialogadas e postas em scena como o *Duque de Mantua*, de tão brilhante aparato. É toda a «literatura de cordel» com autos, narrativas maravilhosas, *farças*.

Há os *rimances* ou romances e *xácaras*, — a *Silvaninha*, *D. Claros de Alem-Mar*, *Bella Infante*, *Nau Cathrineta*, *D. Gai-feiros*, etc., — as *décimas* alentejanas, as *canções* do Norte e da beira-mar, o *fado* lisbonense. São as cantigas: quadras amorosas, corográficas, paisagísticas, irónicas, eróticas, etc. São as *canções* do berço, de «nanar».

Contos tradicionais de feição mitológica (histórias de fadas, de moiros, ondinas, trasgos, etc.), de assuntos histórico-lendários, narrações de valentias e casos extraordinários, que transmitidos de geração em geração, e mesmo de boca em boca («quem conta um conto, aumenta-lhe um ponto»), assumem o prestígio de lenda. São histórias de lareira, de avós para netos, veia deliciosa de fantasia e creativa populares.

*

As cantigas são cantadas a voz e câro, ou a câro em unissono e em grupos, com ou sem instrumental, acompanhamento a viola, cavaquinhos e guitarras, a adufe e castanholas, harmónio e concertina, ora dansando, ora passeando ou em descanso e nos trabalhos de campo, nas *desgarradas* no campo e nas romarias.

António Arroio, numa apreciação de conjunto divide musicalmente o país em quatro zonas, pela diferenciação das tendências e tipo fundamental da música popular. A primeira zona compreende a parte alta do país ao Norte do Tejo, para Este de uma linha, que vai do Alentejo, passa a Nascente de Tomar e de Coimbra, passa em Águeda até o Pôrto: *canção* variadíssima, profunda, *dansas* vivas, alegres, rudes, geralmente caracterizadas por um ritmo simples e persistente (como nas *chulas*). A segunda zona, a Oeste do limite da primeira zona, abrange parte do Douro e da Beira-Litoral e Extremadura, vai para o Sul do Tejo por Coruche e Alcácer do Sal: *canções* suavemente onduladas, leves, doces de expres-

são. A terceira corresponde ao Alentejo com *canções* lentas e tristes, *dansas* rudes, por vezes vivas e alegres. A quinta zona é o Algarve com a *canção* viva e alegre, erótica, pouco profunda ⁽¹⁾. Miguel Ângelo Lambertini, mais de leve, marcou certos contrastes musicais: — Trás-os-Montes, harmonia rude, ritmos interessantes, melodias simples e melancólicas; — Beiras, *canções* superiores de Portugal, abundantes; — Coimbra, *canções* e *dansas* belas; — Alentejo, *canções* sentimentais, suaves, plangentes, de tonalidades vagas, que em Serpa tem coros a duas e três vozes, melodias muito simples, às vezes de carácter litúrgico, originalidade e doçura ⁽²⁾.

A *dansa* tem caracteres regionais, movimentos próprios, ritmos, corografia peculiares. Há *dansas* religiosas como as *charolas* de Arcozelo, as antigas *dansas* de S. Gonçalo. Há *dansas* profanas, regionais. Há *dansas* tradicionais: a dos *ferreiros* de Penafiel, a dos *paulitos* de Miranda.

É a pintura das *alminhas* e dos *milagres*, a gravura e desenho dos *registos de santos* das romarias e das ilustrações da «literatura de cordel». Faz o artista rude esculturas de madeira, que, em forma de grosseiros animais domésticos, representam milagres concedidos. Nas regiões do barro, onde a cerâmica se desenvolveu algum dia, remoto ou recente, os barristas populares criaram a sua arte de modelação coroplástica. Extremoz é um exemplo recente e mesmo actual da escultura popular de imaginária religiosa, especialmente destinada a *presépios*, de onde provém igualmente a bonecaria profana de pastores e povoleu da adoração do Natal.

Os pintores da aldeia fazem as *alminhas*. A. da Silva Túlio refere-se a um pintor de «pouco vulto», que nos fins do séc. XVI pintava *taboinhas das almas*, para suspender ⁽³⁾. Delfim Guimarães, no livro de contos *Ares do Minho*, mostra o tipo destes pintores rústicos no João Restantes, «modesto pintor limarense», que tinha a especialidade da pintura de

(1) António Arroio, na *Introdução das Velhas Canções...* de Fernandes Tomás, p. XXVI-XXVII; *Notas sobre Portugal*, vol. II, cfr. o artigo do A.

(2) M. A. Lambertini, *Chansons et instruments*; Pedro Blanc, *La musique populaire portugaise*, in *Revue musicale*, n.º 2 (15 de Fevereiro de 1912).

(3) Na *Revista Universal Lisbonense*, tomo III, p. 337.

santos, «aquellava» umas alminhas, e «encarnava» uma ou outra imagem, retocando qualquer painel deteriorado pela acção do tempo ⁽¹⁾. O autêntico tipo destes pintores era o «Pedro Paulo Pinto, pobre pintor português, que pintava portas, postigos, pilares e painéis». Camilo fala no pintar alminhas, em 1822, do pintor e ourives de Guimarães, Guilherme Nogueira ⁽²⁾.

Os *registos de santos* são documentos da arte ingénua e da fé sincera e pueril do povo, também como os *milagres* das igrejas, êsses quadros de uma rusticidade tão grande como o realismo, cheios de côr local e de informação etnográfica, que atestam promessas feitas e milagres conseguidos. Os pintores de *alminhas* são os que fazem os *milagres*, serão muitas vezes os desenhadores dos *registos*, que outros ou êles gravarão. Os *milagres* vão para a igreja, encher os altares; os *registos* são depois da romaria guardados com fé como os daquele Bartolomeu da Ventosa, falado por Alexandre Herculano, e que tinha essas gravuras por cima da cabeceira da cama torneada, de pau santo ⁽³⁾.

A *tatuação* é por vezes um trabalho de bela fantasia. O assunto religioso de cruzes, imagens, mistura-se com emblemas mágicos, amorosos, etc. A «Senhora Maria» diz a Frei Jacinto, em *A Bruxa do Monte Cordova*:

«Meu marido encheu-me o corpo d'estas trapalhadas... Quer Vossa Senhoria vêr uma Senhora da Rocha que eu tenho na bucha do braço? — E noutro tenho um Santo Solimão, que livra de feitiços e maus olhados. Pois não livra, Sr. Frei Jacintho? — Foi meu marido que me fez estas cousas (tatuação de «uns garatujos escuros na polpa de um braço, no outro umas armas reaes com lettras...») com tinta, que fica para sempre na pelzinha. Neste braço estão duas lettras: um T e um A. Não são? — Parecem-no. — Quer dizer Thomaz d'Aquino, que era pae do menino. Nest'outro bracinho está a corôa real da nossa rainha e por baixo as lettras dizem: Viva D. Maria II» ⁽⁴⁾.

(1) Delfim Guimarães, *Ares do Minho*, Lix. 1908, p. 52-53.

(2) Camilo Castelo Branco, *Novellas do Minho*.

(3) Alexandre Herculano, *Lendas e Narrativas*, 13.^a ed., II, 238.

(4) Camilo, *Op. cit.*, 2.^a ed., p. 168-69.

Entre os trabalhos de entalhe em madeira estão os *jugos* do Minho-e-Douro, abertos de rendilhado; as figuras e decorações são um mixto amalgamado de religião (custódia, cruzes, imagens), com superstição (sino-saimão), simbolismo amoroso (corações, chaves, guitarras) e decorativa tradicional (rosáceas, xadresados, *dents de loup*) e flores variadas.

XII

A arte profana é por excelência a dos pastores, que são os artistas da natureza, em cuja mão tudo se utiliza (de cortiça fazem: *cochos*, escudelas para água, *cocharros*, para apagar o leite ao mungir as vacas, *tarros* para comida, taça « feita d'um concavo de casca d'arvore » ⁽¹⁾ outros maiores, de cortiça em prancha, caixas, etc.; de madeira, em especial o buxo, que por ser mais duro oferece maior perfeição à obra; colheres, bordões e bengalas, rocas e fusos, ganchos-de-meia, estojos, caixas, agulhas e bicos de escarpelar o milho, « chavões », facas de espadelar, etc., com decoração rica do genero da ornamentação dos templos românicos e dos jugos do Minho-e-Douro; de chifre: as *cornas*, para comida, *polvarinhos*, colheres, taças, caixas de rapé, etc.; de osso: agulhas-de-meia e de escarpelar, ganchos, etc.). A ornamentação aberta à navalha e com ponteiro e legira, é por vezes extraordinária; amiudadamente a realçam de côres (azul e vermelho).

A construção das casas, o seu característico, as serventias e dependências, dão só por si um grande livro, cheio de belos pormenores. E há a lista de barracas, cabanas, casas-de-torrão, casolas, casas sôbre estacas, casas de madeira, de pedra solta ou nua, de pedra e cal onde esta aparece, de adobes onde falta e é cara a pedra (Aveiro para o Sul, Algarve); o aparelho é vario; nos forros junta-se palha à argamassa (Baixo-Minho), entretecem-se com cordas de palma os ripados de canica nas divisórias (Algarve); paredes e chãos de tejo no Alentejo. O primeiro embôço, — o *pardo*, rebôco; o segundo embôço ou camada de cal e areia, cobre o « pardo »; por fim o *guarnecimento*, em Lisboa. Em Tórres-Novas e Alcanena, os muros são feitos em fiadas regulares de pedras maiores, colo-

(1) Fialho de Almeida, *Pais das Uvas*, 1905, 3.^a ed. p. 41.

cadadas horizontalmente, — *lufos* ou *cantos*, que são reunidas e fechadas, travadas, com pedra miuda, — o *travamento*. No Minho (Melgaço, Monsão, Arcos...) e Trás-os-Montes, a *cápea* é a pedra grande com que se reveste a parte superior dos muros ⁽¹⁾.

As indústrias tradicionais prendem-se ao trabalho agrícola predominante e às necessidades locais. Cada região tem as suas. A sua origem, localização e desenvolvimento só podem ser um incentivo ao estudioso e ao protector delas, que as queira manter ou renovar. O seu tipo é definido pela continuidade dos modelos, usos e decorações. Se de gerações em gerações se transmitem os processos técnicos, a ornamentação, em desenho e côr, é secular. A resenha de tôdas as indústrias regionais formaria em síntese um quadro completo da actividade artística do povo.

São os *ferreiros*, artistas seculares, de Guimarães, Bragança, Coimbra, todo o Alentejo, com as guarnições de casas, como os «papagaios» de varanda, por exemplo, bem representados em Évora, grades de portas e janelas, os braseiros de Bragança, as grimpas, braços de lâmpadas, etc.; os *cuteleiros* vimaranenses; os *oleiros*, de barros vermelhos e de barros negros (Chaves em Vilar-de-Nantes, Vila-Real em Vizalhões e Mondrões, Tondela em Molelos, Prado em Tijosa e Parada-de-Gatim) com vasilhame de tôda a ordem, talhas ou tanhas, infusas, cântaros, cântaras, cantarinhos, pichéis, púcaros, canecas, olaria de cozinha (potes, panelas, assadores, caçarolas e caçoilas, chocolateiras, têtos ou *trinchos* na Póvoa, alguidares, malgas, pratos...) a que em Viana-do-Castelo se chama *gábedo*, os ceramistas de louça esmaltada e pintada (Prado, Caldas, Lisboa, Flor-da-Rosa, Redondo, Loulé, etc.); os *cesteiros* e *esteireiros*, com os gigos, cestos, canastras, ceiras, esteiras, em Coimbra, Penacova, no Algarve principalmente. E vêm as mobílias de madeira, pintada e variegada em Évora, de castanho aplainado em Monchique ⁽²⁾, Beiras, de couro em

(1) Augusto C. Moreno, «Vocabulario trasmontano», *Rev. Lusitana*, v, 35; Alves Pereira, *Glossario... Novo Dicionario*, s. v.; António de Pinho, «Provincianismos usados em Monção» na *Aguia*, n.º 73-74, p. 16.

(2) Refere-se-lhe Fialho no *Saibam quantos*, 1902, p. 139 e 140.

baús pregueados, de tabua no Algarve, de vime no Algarve, Alentejo (notáveis na Madeira) ⁽¹⁾. Mas sôbre tudo interessante como obra brilhante e incisiva são as indústrias femininas ou de aplicação feminina: as *rendas* da beira-mar, Viana, Vila-do-Conde, Peniche, Setúbal, Silves, em competência com elas as *filigranas* de Gondomar, os *bordados* de Guimarães, Viana-do-Castelo (estilizados de objectos vulgares, animais, vegetais, de simbolismo religioso e amoroso, estrêlas... com *encaixes*, *enchimentos* geométricos), os *atoalhados* célebres de Coimbra, *alinhavados* de Niza, as *meias* de Âncora, Darque, Lamego, Mondim-da-Beira, os *tapetes* de Arraiolos (indústria extinta, em via de ressurgimento), Beiriz, etc., as *colchas* do Minho, como as de Viana, as de Urros, Santa-Clara de Coimbra, as *mantas* grossas de Miranda, listradas no Alentejo e Algarve, os tecidos de lã (bureis, almafegas), de algodão (zuartes), de seda ⁽²⁾, dos teares aldeãos, que tanto floresceram em Trás-os-Montes, sobretudo na comarca de Moncorvo ⁽³⁾.

Há muitas indústrias extintas que cumpriria mencionar, como as antigas louças portuguesas, de tipo tão seu, em Lisboa, Coimbra, Pôrto, Viana; as sedas, veludos e damascos de Bragança, que ainda persistiam em vivo labor por 1826; tapeçarias como as de Arraiolos já mencionadas na sua forma actual; estampagens como as de Alcobaça, etc.

Sempre à frente aparece o tear caseiro, a recordar o trabalho tradicional, que o rimance canta na bôca misteriosa da filha do Rei:

Estando no meu tear,	Veio o Conde de Alemanha,
Na minha teia a tecer,	E a teia quis desfazer ⁽⁴⁾ .

⁽¹⁾ Gaspar Frutuoso, *Saudades da Terra*, ms. séc. XVI, ed. cit., Funchal 1873, p. 106.

⁽²⁾ «A mais nobre, a mais lucrativa, e a mais mysteriosa, he a arte da seda. He esta arte tão nobre que pode servir de occupação á nossa nobreza». Rafael Bluteau, *Prosas Portuguezas*, 2.^a parte, p. 319.

⁽³⁾ Dr. José António de Sá, *Dissertações Philosophico-politicas sobre o trato das sedas na Comarca de Moncorvo*, Lisboa 1787: o Dr. António de Sá era Juiz de Fora da Vila de Moncorvo.

⁽⁴⁾ Fernandes Tomás, *Velhas canções e romances populares...*, 1913, p. 6.

E a saída comercial, por intermédio dos mercados e feiras periódicas, reduz-se à forma simples do comércio local. Quem procura os produtos, sabe pela sua região de origem aonde há-de ir procurá-los.

O espírito das feiras é sempre aquele mesmo, a que já Gil Vicente aludia, na fala do *Diabo*, bufarinheiro, do *Auto da Feira* (1):

Eu bem me posso gabar,
E cada vez que quiser,
Que feira onde eu entrar,
Sempre tenho que vender,
E acho quem me comprar.
E mais vendo muito bem,
Porque sei bem o que entendo...

*

Quem mais perto se encontra das manifestações naturais do povo, mais sente a verdade do nacionalismo, que é necessário revelar e renovar pela sua expressão lógica. As nações impõem-se moral e materialmente pela grandeza do seu nacionalismo. É procurando-o e erguendo-o no campo, seu ambiente natural, que êle se torna consciente e estável. O lavrador é nacionalista por instinto e por lei da terra, onde aplica a sua energia, o seu saber, o seu dinheiro, e por êle se realiza o milagre do Senhor. É pela terra, e por todos que apegados a ela vivem, que a nacionalização de Portugal se desenvolverá. A lição sobe dessa terra comum.

LUÍS CHAVES.

(1) Gil Vicente, *Auto da Feira*, Obras, I, 157-159.